



PARTE



PARTE II A ARTE DO DISCIPULADO



INTRODUÇÃO

Multiplicação espiritual através do processo de fazer discípulos, com o objetivo final de alcançar o mundo para Cristo, é algo que qualquer pessoa pode fazer, em qualquer lugar. Contudo o melhor lugar para começar é a sua igreja local.

“Cristo nos chama para sermos discípulos que se multipliquem espiritualmente” (Waylon B. Moore).

A – A PALAVRA DISCÍPULO

No grego *mathetês*, que significa pessoa ensinada ou treinada. Aparece 269 vezes nos Evangelhos e em Atos.

No Evangelho de João, Jesus define a palavra *discípulo* como apresentamos nos três itens a seguir.

I. Discípulo é um crente que está envolvido com a Palavra de Deus de maneira contínua

“Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos” (Jo 8.31).

II. Discípulo é alguém que dá a vida pelos outros

“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34,35).

“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15.13). O amor é incondicional.

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3.16).

Somente quando nos vêem amando uns aos outros, é que os homens podem ver Cristo em nossas vidas (Rm 5.5).



III. Discípulo é alguém que permanece diariamente em uma união frutífera com Cristo (Jo 15.1-16)

1. Verso 2 – “... e todo o [ramo] que dá fruto [Jesus] limpo, para que produza mais fruto ainda.”
2. Verso 4 – “Não pode o ramo produzir fruto de si mesmo...”
3. Verso 5 – “Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto...”
4. Verso 8 – “... em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.”
5. Verso 16 – “... e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça...” (Gl 5.22,23).

B – CONDIÇÕES PARA O DISCIPULADO

- I. Mateus 16.24
- II. Lucas 14.25-33

1. Verso 27

“E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.”

a. Tomar a sua cruz

Ela é o instrumento de morte para o “eu”, que devemos carregar diariamente. Pelo fato de nos apegarmos firmemente às coisas terrenas, devemos estar dispostos a abrir mão delas por causa dele.

“Ela (a pessoa que toma a sua cruz) não tem planos próprios, olha apenas em uma direção e não se deixa vencer” (A. W. Tozer).

Se queremos gozar de um relacionamento emocionante e vivo com Cristo, diariamente, precisamos estar dispostos a pagar o preço; *requer-se disciplina pessoal*.

2. Verso 33

“Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo.”

Fazer uma entrega irrevogável a Cristo como Senhor é essencial para o discipulado bíblico, mas não é suficiente. *Essa entrega precisa ser renovada todos os dias*.

C – O COMISSIONAMENTO DE JESUS

I. Versículo-chave

“Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.18-20).

II. Ganhar almas não é fazer discípulos

Se os discípulos visam se tornar aptos a se reproduzirem na vida dos outros, ganhar almas é importantíssimo. A *evangelização* é o primeiro elo da cadeia de *multiplicação espiritual*.

III. Salvar almas e edificar discípulos são duas coisas inseparavelmente ligadas na Bíblia

IV. Razões para se fazer discípulos

1. Discipular é uma das maneiras mais estratégicas para se ter um ministério pessoal ilimitado (qualquer tempo, qualquer lugar, qualquer pessoa, qualquer faixa etária).
2. Discipular é o mais flexível dos ministérios (não precisa ser executado dentro de nenhum esquema cronológico ou estrutura organizacional).
3. Discipular é a maneira mais rápida e mais segura de mobilizar todo o corpo de Cristo para evangelizar (fazer discípulos de todas as nações torna-se tanto um resultado da evangelização quanto uma forma de realizar a evangelização do mundo).
4. Discipular tem um potencial de mais longo alcance para produzir frutos do que qualquer outro ministério (Cl 2.7 – isso exige tempo e interesse).
5. Discipular propicia à igreja local líderes leigos maduros, centralizados em Cristo e orientados para a Palavra. (os “esquentadores” de banco são muitos; os trabalhadores, poucos. Os trabalhadores são produto de discipulado feito na igreja e orientado pelo Espírito. A edificação na vida de outros é o plano de Deus para o levantamento de novos diáconos, professores e outros líderes na igreja).

V. Definição compreensível de discipulado

“Discipulado é o comprometimento de toda a vida da pessoa com o ensino e o espírito de Jesus Cristo. A vida sob o senhorio de Jesus Cristo implica um aprendizado progressivo, uma crescente assimilação com Cristo, na aplicação da verdade bíblica, na responsabilidade de compartilhar a fé cristã e na responsabilidade como membro de igreja.”

VI. Definição da atividade de fazer discípulos

“Discipulado é o processo de treinamento pelo qual a igreja, um pequeno grupo, ou indivíduos, capacitam discípulos a se parecerem mais com Cristo, a se tornarem peritos nas disciplinas básicas da vida cristã e em fazerem discípulos”.

VII. Definição do objetivo do discipulado

“Que você siga a Jesus Cristo, aprenda a fazer todas as coisas que Ele ensinou a seus seguidores e ajude outros a se tornarem discípulos dele.”

D – TENHA UM CORAÇÃO DE SERVO

Um coração de servo é um dos canais supremos de Deus para ganhar os perdidos para Cristo. Edificar pontes de amor para os corações dos que não têm Cristo é uma preparação para compartilhar o evangelho.

I. Ser servo é uma atitude, e não uma posição

II. Jesus, o servo modelo

“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios” (Is 42.1).

Através de seu serviço aos ingratos, Jesus estabeleceu um padrão de ministério que os seus discípulos – e fazedores de discípulos – precisam seguir.

III. Cristo apresentou as qualificações para a liderança

“Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.43-45; Lc 22.27).

IV. Discipulado e serviço estão irrevogavelmente ligados

O exemplo de nosso Senhor, no decorrer de toda a sua vida, foi viver sempre, e apenas, em completa submissão a outrem. A escolha deliberada de Jesus de se tornar servo de Deus, em favor dos homens perdidos, é enfatizada por Paulo em Filipenses 2.5-10 (v. 7: “A si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo”).

a. A natureza da obediência, como escravo, é submissão

A vontade do Pai era a vontade de Cristo. A Palavra do Pai era a sua Palavra. O caminho do Pai era o seu caminho – por escolha. Isso é submissão. Precisamos escolher viver através do Espírito, sempre em completa submissão ao Filho.

b. A manifestação interior, como escravo obediente, é mansidão

Da mesma forma que a manifestação exterior de um escravo obediente é submissão, a sua manifestação interior como escravo obediente é mansidão. O que é mansidão? A palavra manso significa “domado” ou “subjugado” e, por isso, controlado.

“Aprende de mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11.29).

A mansidão da fé – sofrendo em silêncio – é a natureza de Cristo. Portanto, os seus discípulos devem ter o atributo de servir a Cristo e aos outros com submissão e mansidão (1Pe 2.21-24).

“Identificação com a vida e a mensagem de Cristo significa uma decisão de alcançar os perdidos através de um coração de servo.”

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

INTRODUÇÃO

1. Qual é a palavra grega para discípulo? Qual é seu significado e quantas vezes ela aparece nos Evangelhos e em Atos?

2. No Evangelho de João, Jesus define discípulo de três maneiras. Dê os versículos e as definições dadas por Jesus.

3. Jesus ensinou que, para sermos seus discípulos, devemos tomar a cruz e segui-lo. O que significa “tomar a sua cruz”, conforme o texto de Lucas 14.27?

4. Em Mateus 28.18-20, Jesus comissiona a sua igreja: “Faça discípulos de todas as nações”. Dê duas razões para se fazer discípulos.

5. Qual é a definição da atividade de fazer discípulos?

6. Qual é o objetivo do discipulado?

7. Ter um coração de servo é ser submisso à autoridade de Cristo e se dispor ao seu serviço, alcançando os perdidos através do evangelho de Jesus. Em Marcos 10.43-45, Jesus nos apresenta as qualificações necessárias a esse serviço. Quais são?



CAPÍTULO

1

A NECESSIDADE DA MULTIPLICAÇÃO DE DISCÍPULOS

Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos” (At 6.7).

A – CONCEITO PRÁTICO DE DISCIPULADO

Pessoas que sabem levar outras a Cristo, guiando-as, passo a passo, desde a conversão à maturidade em Cristo. Assim, levam o novo convertido a uma vida de completa dedicação, comprometimento, frutificação, a um discipulado maduro que, por sua vez, o leva a repetir o mesmo processo com outras pessoas.

B – A REALIDADE DA IGREJA

- I. Igrejas em crescimento (conversões).
- II. Ausência de obreiros treinados (Hb 5.12-14).
- III. Novos convertidos estagnados em seu crescimento espiritual (bebês).
- IV. “Departamentos” que não preenchem todas as necessidades do indivíduo.
- V. “Situação crônica” – Lideranças que *não têm tempo*, por se envolverem demais com os problemas da igreja.

C – A NECESSIDADE DA IGREJA

- I. Líderes com “visão” (fazer discípulos).
- II. Obreiros treinados no discipulado – inspiram outros (At 11.25,26).
- III. Discípulos que geram discípulos.

1. Discípulos em ação

Um homem da igreja lidera um grupo de estudo bíblico com quatro casais:



- a. Quatro meses de reunião, e três casais se entregaram a Cristo.
- b. Um amigo de João telefona para ele, pedindo ajuda (briga com a esposa).
- c. O grupo começa a orar, e João sai para socorrer o amigo e salvar o casamento.
- d. João foi poderosamente usado por Deus e conduziu aquele casal a Cristo.
- e. A experiência edificou todo o grupo, e João passou a se dedicar mais ainda porque agora passou também a ganhar almas.

2. *A importância da ajuda pessoal*

O crente maduro deve ajudar o novo convertido no seu crescimento espiritual:

- a. Testemunhando a ele de suas experiências com Deus na oração e na Palavra.
- b. Reunindo-se com ele para orar, ler a Bíblia, estudá-la e meditar nela.
- c. Ensinando-o a estudar sozinho e a depender do Espírito Santo; a orar e esperar em Deus.

3. *Multiplicar ou não, eis a questão*

O ministério de multiplicação de discípulos é bíblico e funciona. É uma abordagem das Escrituras que nos ajuda a cumprir a grande comissão (Mt 28.18-20) e a treinar obreiros (Mt 9.37,38).

O líder precisa da visão multiplicadora de discípulos para colocar em prática os princípios de crescimento e amadurecimento da igreja. Esse remédio não “cura tudo”, mas cura algumas coisas. Uma coisa é certa: quando gastamos tempo individualmente com outro crente com o fim de edificar a vida dessa pessoa – estudando a Palavra, orando, mantendo comunhão e fazendo treinamento sistemático – algumas coisas começam a acontecer em nossas vidas também.

Quando compartilhamos as coisas de Deus e nosso próprio testemunho pessoal e vemos a edificação e o crescimento de outras pessoas, também somos edificados. Um sentimento de felicidade e alegria enche nosso coração. É como um pai que, após um período ensinando seu filho a andar de bicicleta, segurando-o para que ele não venha a cair, um dia observa que o filho já consegue dar suas primeiras pedaladas sozinho. E isso, para um pai, é motivo de orgulho e satisfação. Esse sentimento deve invadir o nosso ser e, quanto mais discípulos de Cristo treinarmos, mais felizes e realizados ficaremos.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO CAPÍTULO I

1. Dê o conceito prático de discipulado.

2. De acordo com a atualidade, qual é a realidade da igreja? Cite duas características que exemplificam essa realidade.

3. Mediante a realidade da igreja na atualidade, qual é a necessidade da igreja?

4. Cite três maneiras pelas quais o crente maduro deve ajudar o novo convertido no seu crescimento espiritual.

5. O que é o ministério de multiplicação de discípulos? É bíblico? Funciona?



CAPÍTULO

2

EXEMPLOS BÍBLICOS DE TREINAMENTO NO DISCIPULADO

“E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos” (Lc 6.13).

A – O MINISTÉRIO DE ENSINO DE JESUS

O ministério de Jesus tocou milhares de pessoas, mas Ele, durante três anos e meio, entregou-se totalmente a treinar apenas doze homens.

No ministério de ensino que Jesus exerceu com aqueles homens, três princípios podem ser observados em seu treinamento: o princípio da seleção; o princípio da associação e o princípio da instrução.

B – O PRINCÍPIO DA SELEÇÃO (QUEM ESCOLHER?)

I. Não escolher a primeira pessoa que demonstrar interesse.

II. Os homens escolhidos por Jesus eram pessoas comuns, mas, entre si, eram muito diferentes uns dos outros (temperamento, personalidade, intelecto, cultura, etc.).

III. Escolher pessoas que podem ser ensinadas (Mt 11.29).

IV. Ao fazer discípulos, não devemos selecionar os que têm temperamentos e personalidades semelhantes aos nossos, nem escolher apenas os que agem de maneira cordial e que se encaixam em nossos padrões de vida. Na hora de escolher homens e mulheres para discipular, é necessário abandonar nossa propensão e conformismo e seguir o exemplo de Jesus.



V. Quando chegou a hora de escolher os que deveria treinar, Jesus passou a noite em *oração*: “Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos” (Lc 6.12,13). A oração é um aspecto primordial da seleção.

C – O PRINCÍPIO DA ASSOCIAÇÃO (ESTAR JUNTO)

I. Com que propósito Jesus escolheu doze apóstolos? “Designou doze *para estarem com ele* e para os enviar a pregar...” (Mc 3.14).

II. No Antigo Testamento existem vários exemplos de homens treinados para os ministérios, associados com outros homens de Deus.

1. Elias e Eliseu (1Rs 19.19-21)

a. Eliseu não foi encontrado na escola de profetas, estudando e meditando, mas trabalhando na lavoura (1Rs 19.15,16,19).

Os discípulos também foram chamados para estar com Jesus enquanto se encontravam ocupados em seus trabalhos (Mt 4.18-22; 9.9).

b. Eliseu entrou voluntariamente no treinamento do discipulado (toda pessoa precisa calcular o preço e entrar no treinamento do discipulado voluntariamente).

c. Eliseu, entretanto, estava ciente da tremenda riqueza espiritual a seu dispor, se gastasse tempo com o profeta de Deus. Assim, depois de quebrar o arado e matar os bois, que eram seu ganha-pão – uma demonstração de entrega total – e seguir a Elias (1Rs 19.21), o que passou a fazer? Servir a Elias.

d. Os que lideram, primeiro devem aprender a servir. Quando treinamos indivíduos, temos de nos conscientizar de que devemos gastar horas com eles, conversando e associando-nos às atividades normais do dia-a-dia deles.

e. Elias nunca exigiu que Eliseu continuasse ao seu lado (ao escolher homens para o ministério, você deve deixá-los livres para que ouçam a Deus).

2. Moisés e Josué

a. Nessa associação Josué estava ao lado de Moisés ajudando-o e se preparando para cuidar do ministério depois da partida de Moisés (Js 1.1,2).

b. Existem líderes que têm medo de treinar outros homens e de colocá-los como líderes espirituais da congregação, receosos de perderem a lealdade e o respeito do povo. Moisés, no entanto, delegou sua autoridade a Josué.

3. Davi e seus valentes

a. Eram homens perseguidos, descontentes e desanimados, mas que, associados a Davi, servindo sob suas ordens, tornaram-se os grandes heróis daqueles dias (1Cr 11.10).

III. No Novo Testamento, temos alguns exemplos da igreja apostólica.

1. Pedro e seus irmãos na casa de Cornélio (At 11.12).
2. Paulo e vários irmãos (At 20.4).
3. Paulo e Timóteo (2Tm 3.10).

IV. Jesus escolheu doze para que estivessem com Ele e fossem enviados a pregar. Duas coisas Ele tinha em mente no treinamento dos doze:

1. Serem úteis a Ele, ajudando-o em sua missão.
2. Continuariam a obra depois que Ele partisse.

D – O PRINCÍPIO DA INSTRUÇÃO

I. Além de fazer daqueles homens seus discípulos, levando-os a participar com Ele no dia-a-dia de seu ministério, *Jesus dedicava seu tempo na instrução dos doze*. “Ele lhes respondeu: A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas” (Mc 4.11; Mt 10.16-18, Mc 6.11).

II. O chamado de Paulo (At 9.15,16).

III. Jesus treinava seus discípulos no ardor da batalha (“no campo”). Eles participavam ativamente de seu ministério (1Jo 1.1,2).

IV. Jesus estava à disposição de seus homens. A Palavra eterna se tornou audível, visível e tangível. Eles viviam próximos de Jesus. Foram escolhidos para estarem com Ele, com o objetivo grandioso de serem preparados para o ministério. Era um treinamento direcionado, a fim de que o fruto deles fosse permanente. Ele não os escolheu para que vivessem reclusos, em comunhão apenas entre si, por isso o treinamento não foi num “mosteiro”, e sim onde a batalha se travava.

V. Concluindo, três coisas são obrigatórias para aquele que quer treinar discípulos valentes, robustos, leais e produtivos no ministério de Jesus Cristo:

1. Deve saber com clareza o que quer transmitir aos discípulos e entender o propósito de Deus. Tem de conhecer os ingredientes básicos no discipulado.
2. Deve ter uma visão ampla e completa do que espera desses homens, isto é, como devem ser. Precisa conhecer os elementos fundamentais do caráter cristão e o tipo de pessoas que os discípulos devem ser.

3. Deve também ter uma visão clara do que esses homens precisam aprender a fazer e um plano funcional no qual eles estejam envolvidos.

VI. Baseados na maneira como Jesus trabalhou com seus apóstolos e na visão clara do discipulado no Antigo Testamento, devemos:

1. Selecionar cuidadosamente a quem discipular.
2. Usar o princípio de “estar com ele” – conceito de associação e exemplo.
3. Juntos, separar tempo para uma instrução sólida, clara e eficaz.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 2

1. Quais são os três princípios aplicados por Jesus no seu treinamento dos discípulos?

2. No treinamento de discípulos, o primeiro passo é saber “a quem escolher”. Disso depende o sucesso do seu discipulado. Dê duas características do princípio da seleção.

3. Qual é o segundo princípio usado por Jesus no seu treinamento com os doze? Com que objetivo? Leia Mc 3.14.

4. Dê três exemplos de homens que se associaram a outros no Antigo Testamento.

5. Cite alguns exemplos de homens que se associaram que se associaram a outros no Novo Testamento.

6. Nessa relação de associação, aprendemos muito com Elias e Eliseu. Qual era a situação de Eliseu quando foi chamado para o ministério? E a dos discípulos de Cristo?

7. De que maneira Eliseu entrou no treinamento de discipulado? Qual deve ser a atitude das pessoas hoje?

8. O que representou a entrega total de Eliseu? O que ele fez a seguir?



9. Por que muitos líderes atuais não seguem o exemplo de Moisés e de Josué nos seus ministérios?

10. O que Jesus tinha em mente quando Ele escolheu os doze e passou a treiná-los?

11. Dentro do princípio da instrução, como Jesus treinava seus discípulos?

12. Algumas coisas são obrigatórias a quem quer treinar discípulos de Cristo. Cite apenas uma.

13. Observando Jesus e os apóstolos e os exemplos de discipulado do Antigo Testamento, o que devemos fazer?



3

CAPÍTULO

FAZENDO DISCÍPULOS NA IGREJA PRIMITIVA

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42).

A – O EXEMPLO E O COMISSIONAMENTO DE JESUS

I. O ministério de Jesus durou pouco mais de três anos. A chave de seu trabalho foi o treinamento dos doze, denominados apóstolos. Aquele treinamento foi o fundamento de todo o seu ministério, e na maior parte do tempo, Jesus esteve concentrado nesses homens. Ele sabia que o sucesso de seu trabalho dependeria da dedicação, lealdade, coragem e fé dos homens que escolhera e treinara.

II. Jesus os capacitou para o ministério (Lc 24.49 – “sejais revestidos” [At 1.4-8]).

B – O DIA DE PENTECOSTES

“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.1-4).

I. Os judeus celebravam a festa de Pentecostes em Jerusalém.

II. Uma multidão perplexa queria saber o que estava acontecendo (At 2.5-11).

III. Pedro, cheio do Espírito Santo, prega o primeiro sermão:

1. Foi uma resposta a seus acusadores.



2. Como Jesus, usou as Escrituras para provar o que dizia (At 2.17-21).
3. Falou do Jesus crucificado e ressuscitado, comprovando à luz das Escrituras o que dizia (At 2.22-24; Sl 16.8-11).
4. Três mil almas se converteram.

IV. Rapidamente após a conversão, os novos convertidos já se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações (At 2.42).

C – O MINISTÉRIO DO ACOMPANHAMENTO

De repente, os apóstolos se viram com três mil novos convertidos diante deles. Qual era seu comissionamento? Era fazer discípulos (Mt 28.19). Os apóstolos sabiam o padrão de exigência de Jesus e o que Ele esperava de seus seguidores.

D – PADRÕES DE JESUS

João 15.7,8; 8.31,32; 13.34,35; Lc 14.26,27; 14.33.

I. Os planos de Jesus

O diálogo entre Jesus e Pedro após a ressurreição (Jo 21.15-17 – “Apascenta as minhas ovelhas”). A ordem de Jesus é que os novos convertidos sejam alimentados e discipulados.

II. A atividade dos apóstolos

Os apóstolos *criaram condições* para que os novos convertidos ficassem e recebessem o treinamento pós-conversão: “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2.44-47).

III. Exemplos para os novos convertidos

1. Viam os apóstolos serem surrados, ameaçados e lançados em prisões por causa do testemunho de Cristo (At 4.17; 5.18,40).
2. Observavam como os apóstolos pregavam o evangelho em todas as oportunidades (At 3.14,15; 4.10; 5.30,31).
3. Presenciavam a reação alegre dos apóstolos diante das perseguições (At 5.41).
4. Ouviam atentamente os apóstolos ensinarem a Palavra de Deus (At 5.42).

IV. A hora do teste

1. Grande perseguição contra a igreja; Estêvão é martirizado (At 8.1,2).

2. A dispersão dos discípulos foi o segundo passo para o cumprimento da grande comissão (At 1.8).
3. Os discípulos dispersos iam por toda parte pregando a Palavra (At 8.4). Praticavam aquilo que aprenderam e viram no testemunho de seus líderes.
4. O poder do exemplo pessoal dos líderes para os seus discípulos.

V. O ministério de Filipe

1. “Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo” (At 8.5).
2. “Então, Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus” (At 8.35).
3. Filipe passou a agir de acordo com o que vira os apóstolos fazerem. Tornou-se uma testemunha efetiva do nome de Jesus. O treinamento que tivera levou-o a ser um obreiro responsável.

VI. Outros ministérios

1. Alguns dos que estavam em Jerusalém no dia de Pentecostes eram de Cirene (At 2.10).
2. “Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (At 11.19-21).

VII. O interesse contínuo dos apóstolos

Os discípulos foram dispersos, mas os apóstolos não os abandonaram; acompanharam aqueles discípulos com oração e cuidados. Quando ficou evidente que precisavam de ajuda ministerial, os apóstolos trataram de cuidar de suas necessidades: “A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia. Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor” (At 11.22-24).

VIII. Resumo da aplicação

1. Muito do que fizeram os apóstolos e os discípulos por eles treinados, pode ser aplicado às nossas vidas e ministérios. A grande comissão é a mesma; a mensagem do evangelho, também. Nós ministramos no poder do mesmo Espírito Santo. Temos a mesma Palavra de Deus e a promessa que Jesus deixou aos seus discípulos: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28.20).
2. O ministério deve continuar *através de pessoas*, não de programas. Deve ser levado adiante por alguém, não por coisas. A principal razão para o pequeno número de discípulos é que as igrejas têm dependido de programas e materiais ou outros métodos para fazer a obra e não tem investido na formação de discípulos.

3. É preciso tempo para fazer um discípulo. É necessário dedicar-lhe atenção especial e se envolver com ele. São horas de oração por ele. É preciso paciência e entendimento para ensinar o discípulo a buscar, por si mesmo, a riqueza da Palavra de Deus; paciência até que se alimente sozinho e que saiba buscar da Pessoa do Espírito Santo o poder e a vida de que tanto necessita. Acima de tudo, ser exemplo de vida a cada um deles também leva tempo.

IX. O exemplo deixado por Paulo

1. Ele acabara de sair numa viagem missionária; muitos se converteram ao Senhor, e ele quase perdera a vida. Mas, naquela viagem, depois de ser apedrejado e deixado como morto, retornou aos mesmos lugares onde enfrentara tanta oposição “fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé” (At 14.22).

2. Depois de sua viagem missionária, Paulo retornou para Antioquia. Algum tempo depois, preocupado com o estado espiritual dos irmãos, ele convidou Barnabé, propondo-lhe uma nova viagem: “Voltemos, agora, para visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam” (At 15.36). Sempre falamos dessa viagem como a segunda viagem missionária de Paulo, mas, na realidade, esta foi a primeira viagem de discipulado intensivo que ele fez. “E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas” (At 15.41).

3. Veja cuidadosamente. Ele trabalhava e lutava com todas as forças que Deus lhe dava. O que fazia Paulo? Conduzia pessoas a Cristo e as levava à maturidade.

4. Colossenses 1.28,29; Atos 20.31; 1 Tessalonicenses 2.11,12.

5. Assim, terminamos de ver, de forma concisa, o ministério levado a efeito pelos apóstolos escolhidos por Jesus. Eles exerciam seu ministério sendo açoitados, levados para as prisões, sob ameaças, em meio a terremotos, naufrágios, complô de mortes, milagres e a muitas outras coisas, subindo e descendo as montanhas e navegando pelo mundo mediterrâneo.

O diabo tentou de tudo para fazê-los desistir, mas agüentaram firmes! A ordem foi bem clara: vão e façam discípulos (Mt 28.19); e foi exatamente isso que fizeram. Mostraram firmeza, dedicação, estabilidade e abundaram na obra do Senhor.

E – TRÊS PONTOS PRINCIPAIS DESTA CAPÍTULO

- I. Criar condições para que os novos convertidos ficassem e recebessem o treinamento pós-conversão (At 2.42).
- II. O testemunho pessoal fortalece o discipulado.
- III. Após o discipulado, manter um acompanhamento e prestar auxílio ministerial aos novos discípulos (At 11.22-24).

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 3

1. Quanto durou o ministério de Jesus? E qual foi a chave do seu trabalho?

2. Cite três fatos ocorridos no dia de Pentecostes.

3. Que fatos estão relacionados ao primeiro sermão que Pedro pregou?

4. Pedro pregou e houve milhares de conversões. O que aconteceu a esses novos crentes em seguida?

5. Os apóstolos praticavam aquilo que aprenderam com Jesus. E agora, eles davam o exemplo para os novos convertidos. O que os novos convertidos viam acontecer com os apóstolos?

6. Cristo foi perseguido; os apóstolos, também; e agora, toda a igreja. Era a hora do teste. O que aconteceu a Estêvão? E aos discípulos dispersos?

7. O que dizer da atitude dos discípulos em pregar a Palavra por toda parte?

8. Por causa da perseguição, os discípulos foram dispersos, mas os apóstolos não os abandonaram. O que fizeram os apóstolos?



9. Qual é a principal razão para o pequeno número de discípulos na igreja?

10. Quais são os três pontos principais deste capítulo?



4

CAPÍTULO

PESSOAS AJUDAM PESSOAS

P“Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei” (Ez 22.30).

A – A IGREJA É FORMADA POR PESSOAS

I. As igrejas são freqüentadas por um grande número de pessoas. Algumas são apenas espectadoras, e outras são participantes, gente que se dispõe a fazer alguma coisa na igreja. Esses ajudantes são a espinha dorsal da igreja.

II. A igreja deve oferecer às pessoas diversas atividades nas quais se sintam bem. Mas nenhuma atividade, programa ou método, por si só, atenderá às necessidades pessoais de cada um. Precisamos ser ajudados por alguém.

III. Quando falamos de discipulado na igreja, referimo-nos a pessoas que edificam pessoas. Todos precisam de cuidado pessoal. Cada um de nós tem necessidades especiais, que só podem ser preenchidas por outras pessoas.

IV. Erros que devem ser evitados ao implantar o discipulado na igreja:

1. Selecionar pessoas despreparadas ou que não querem o treinamento.
2. Dispensar pessoas simplesmente por não serem participantes efetivos dos programas da igreja.
3. Admitir pessoas desqualificadas (podem não ter bom desempenho e sair feridas no processo).

Para que alguém se envolva no ministério do discipulado e para que se torne um discípulo, três coisas se fazem necessárias logo no começo: a motivação do discipulado e o envolvimento das pessoas, a comunhão com o Senhor e o testemunho de Cristo.



B – A MOTIVAÇÃO DO DISCIPULADO E O ENVOLVIMENTO DAS PESSOAS

I. Quando se quer começar um grupo de discipulado é preciso *motivar as pessoas*. As pessoas devem ser motivadas em duas direções: *a interna* (compromisso com o Senhor Jesus) e *a externa* (testemunhar por Jesus Cristo). Em todo o processo de implantação do discipulado, é necessário oração e reflexão.

II. Se um pastor quiser começar um trabalho de discipulado em sua igreja, deve planejar e discutir com alguma antecedência. O certo é fazê-lo lentamente, sem pressa, e não querer fazer tudo com um monte de gente ao mesmo tempo. Os espectadores estão lá, e alguns querem continuar assim.

III. Motivar as pessoas ao discipulado pode ser um projeto empolgante. Você poderá notar, no tempo certo, os que demonstram interesse no discipulado. Ficarão cientes de que precisam gastar tempo com a Palavra de Deus, estudando-a, memorizando-a e estabelecendo um tempo diário de oração.

C – COMUNHÃO COM O SENHOR

I. Depois de observar que seu povo está *interessado no discipulado*, você pode começar uma outra campanha, desta vez usando o tema da comunhão com o Senhor como partida. Você deve ter como alvo o surgimento de um grupo forte, que *demonstre profundo interesse pelo estudo da Palavra de Deus e pela vida de oração*. São pessoas por meio das quais a vida de Cristo flui com seu poder redentor e contagia todos quantos vivem ao seu redor. Isso só pode ser conseguido depois de você se certificar de que os membros de sua igreja não dependem mais de seu sermão dominical para serem alimentados e que conseguem se alimentar através do estudo diário da Palavra de Deus.

II. Exemplo – Uma garçonete que não sabia fazer um suco porque a máquina de espremer laranjas quebrou.

III. O mesmo acontece com muitos crentes: Têm Bíblias por todos os cantos da casa, mas, se o pastor não puder pregar no culto dominical, voltam para casa sem seu alimento espiritual. Não conseguem alimentar a própria alma. Se ninguém se levantar, abrir as Escrituras e lhes trazer uma mensagem da Palavra de Deus, regressam famintos!

IV. Jesus, depois de ressuscitar, pediu a Pedro que alimentasse seus cordeiros e ovelhas (ele deveria conduzir o rebanho para que encontrasse alimento). *Quando uma pessoa vem a Cristo, necessita de que alguém a ajude a encontrar alimento*. Mas, mesmo assim, pode haver na congregação pessoas que nunca aprenderam a preparar o próprio alimento das Escrituras. “Nossa responsabilidade principal como crentes é a capacidade de manter uma dieta saudável, diária, em comunhão com o Senhor Jesus e a sua Palavra e levar os demais irmãos a fazerem o mesmo.”

D – TESTEMUNHANDO DE CRISTO

Treinar os irmãos para que *sejam eficazes no testemunho cristão* é um dos aspectos mais gratificantes da tarefa do discipulado. E não há como testemunhar se não gastarmos tempo em comunhão com o Senhor Jesus Cristo. Dois princípios têm de ser ensinados aos crentes: primeiro, Deus opera; segundo, ele usa as pessoas.

I. Deus é quem faz a obra

1. As pessoas devem saber que Deus é quem opera; este é o primeiro princípio do testemunho.
2. Pedro pregou, mas Deus é quem operou: “Acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2.47). Não era Pedro, era Deus!
3. Eleazar, valente de Davi, lutou; Deus deu o livramento: “Naquele dia, o Senhor efetuou grande livramento” (2Sm 23.9,10).
4. Através de Samá, valente de Davi, Deus concedeu vitória a Israel (2Sm 23.11,12).
5. Quando um discípulo entende esse princípio, perde o medo e o nervosismo de testemunhar às pessoas, porque aprende a depositar sua confiança em Deus, e não em si mesmo. Deus opera através de nossas vidas.

II. Deus usa pessoas

1. O segundo princípio do testemunho é que Deus usa as pessoas. Homens e mulheres escolhidos por Deus são meios que Deus usa para a proclamação das boas novas às pessoas.
2. Cornélio – Ele era um centurião romano temente a Deus, homem de boas obras e de oração. Uma tarde, numa visão, um anjo lhe apareceu, dando-lhe algumas instruções. “As tuas orações e as tuas esmolas subiram para memória diante de Deus. Agora, envia mensageiros a Jope e manda chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro. Ele está hospedado com Simão, curtidor, cuja residência está situada à beira-mar” (At 10.4-6). Por que o anjo não lhe pregou diretamente a mensagem do Evangelho? A razão de o anjo não explicar a Cornélio a mensagem do evangelho é simples: *Deus não usa a anjos como testemunhas do evangelho, e sim pessoas.*
3. As pessoas são as verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo, e isso se deve ao fato de manterem comunhão com Jesus Cristo. Jesus falou: “Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.4,5).
4. Nossa frutificação é resultado de permanecermos em Cristo, razão por que nossa comunhão com Cristo deve estar em primeiro lugar; testemunhar não é andar sobrecarregado, mas abundar. É Cristo, por nosso intermédio, ministrando aos outros. Paulo disse: “Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus” (Rm 15.18 – NVI). Era Cristo, por intermédio de Paulo, agindo em outras pessoas.

5. A importância do testemunho é ensinada em muitas passagens das Escrituras:

a. As últimas palavras de Jesus a seus discípulos no Monte das Oliveiras foram: “E sereis minhas testemunhas” (At 1.8).

b. Em seu testemunho diante do rei Agripa, Paulo mencionou algumas das palavras que Jesus lhe falou no caminho de Damasco. Jesus lhe disse: “Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda” (At 26.16). Ele foi salvo a fim de testemunhar.

6. É a evangelização que manterá vivo seu programa de discipulado. Sem isso, o propósito de Deus não será realizado. O povo de Deus não um é balde onde todas as riquezas de Cristo são depositadas, mas canais de bênçãos que levam Cristo às nações.

7. O testemunho deve estar banhado numa vida de oração, reflexão e planejamento, e os mais capacitados para evangelizar, certamente, serão os seus discípulos. Discípulos, comprometidos e em perfeita comunhão com o Senhor, são os que mais vantagem têm, sempre que a oportunidade surgir.

8. As pessoas, hoje, estão muito interessadas no que a Bíblia diz, e muitas gostariam de viver uma vida de maior comunhão com Cristo e sua Palavra. Muitas almejam ser mais efetivas na oração. Sonham em ser valentes guerreiros de Deus – imbatíveis na fé, cheios do espírito e profundos em sua devoção a Cristo. Esses irmãos enchem as livrarias, buscando encontrar as últimas novidades em publicações cristãs; buscam os seminários evangélicos e os institutos bíblicos, e as conferências em que pregadores famosos pregam a Palavra de Deus. A resposta, no entanto, a todos que estão buscando uma realidade espiritual mais profunda, pode ser encontrada num programa de discipulado sólido, sem alardes, em qualquer igreja local. Eis o desafio proposto a esta geração!

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 4

1. As igrejas são freqüentadas por um grande número de pessoas. Quem são essas pessoas?

2. A que nos referimos quando falamos de discipulado na igreja?

3. Que erros devem ser evitados ao implantar o discipulado na igreja?

4. O que é necessário, logo no começo, para que alguém se envolva no ministério do discipulado e para que se torne um discípulo?

5. Ao começar um grupo de discipulado, em que direções é preciso motivar as pessoas? O que é necessário?

6. Após motivar as pessoas e usando o tema da “comunhão com o Senhor” como partida, qual deve ser o seu alvo?

7. Gastar tempo em comunhão com Jesus nos torna eficazes no testemunho cristão. Dois princípios devem ser ensinados aos crentes. Quais são?

8. Explique o primeiro princípio: “Deus é quem faz a obra”.



9. Explique o segundo princípio: “Deus usa pessoas”.

10. Por que em Atos 10.4-6 o anjo não pregou o evangelho diretamente a Cornélio?

II. O que manterá vivo o seu programa de discipulado?



CAPÍTULO

5

O PROCESSO NA FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS

P “Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele, enraizados e edificados nele, firmados na fé, como foram ensinados, transbordando de gratidão” (Cl 2.6,7 – NVI).

A – A QUALIFICAÇÃO DO DISCÍPULO

Jesus fez uma análise de sua época: “A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9.37). Se fôssemos honestos, teríamos de admitir, com tristeza, que o problema continua em nossos dias. Obreiros espiritualmente qualificados – discípulos que dão duro para fazer discípulos – são raros.

B – AS NECESSIDADES DE UM RECÉM-CONVERTIDO

Todo mundo se alegra quando conduz alguém a Cristo – há alegria no céu, os irmãos se alegram, você também. Você dá a tarefa por terminada? Claro que não. A ordem de Jesus foi fazer discípulos, não convertidos. Assim, você tem como alvo ajudar o novo convertido na jornada cristã, até que se torne um discípulo amadurecido, dedicado e frutífero. O novo convertido tem duas necessidades muito importante no início de sua vida cristã: a certeza de salvação e aceitação (amor e aceitação).

I. A certeza de salvação

A primeira necessidade que um novo convertido tem é a certeza de salvação: saber que verdadeiramente nasceu de novo. Paulo declarou: “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). Uma das formas de identificar uma conversão genuína é ver se a pessoa adquiriu novas atitudes em relação a Jesus



Cristo e se mudou de comportamento quanto ao pecado. A mudança de comportamento tem de ser visível (1Jo 1.9; 5.11,12). Mudança de vida igual a novo nascimento.

II. Aceitação (amor e aceitação)

Paulo nos dá o exemplo: Foi Paulo quem estabeleceu essa regra ao escrever aos tessalonicenses: “Sentindo, assim, tanta afeição por vocês (aceitação), decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida (amor), porque vocês se tornaram muito amados por nós” (1Ts 2.8 – NVI).

1. Paulo os amava e por eles nutria grande consideração, por isso sentiam-se amados e aceitos. “Tanto vocês como Deus são testemunhas de como nos portamos de maneira santa, justa e irrepreensível entre vocês, os que crêem. Pois vocês sabem que tratamos cada um como um pai trata seus filhos” (1Ts 2.10,11 – NVI).

2. Não era sem razão que os crentes de Tessalônica tinham um testemunho cristão tão poderoso. “Assim, tornaram-se modelo para todos os crentes que estão na Macedônia e na Acaia. Porque, partindo de vocês, propagou-se a mensagem do Senhor na Macedônia e na Acaia. Não somente isso, mas também por toda parte tornou-se conhecida a fé que vocês têm em Deus. O resultado é que não temos necessidade de dizer mais nada sobre isso” (1Ts 1.7-8 – NVI).

3. Paulo os via como novos convertidos, crianças na fé que, recentemente, haviam iniciado a vida espiritual. Pense nisso num instante. De que um bebê precisa? O amor, obviamente, vem no alto da lista. Sem isso morrem. Numa pesquisa feita num grande hospital, os funcionários que trabalhavam no berçário, observaram que os recém-nascidos que estavam nos berços próximos da porta pareciam mais saudáveis que os do fundo da sala. Queriam saber por que. Descobriram que os bebês junto à porta recebiam mais atenção das enfermeiras, já que elas na tarefa de entrar e sair do berçário estavam sempre em contato com eles. Elas os tomavam no colo, abraçavam os nenéns e falavam com eles. Na vida espiritual, é assim também: os filhos espirituais necessitam de amor e aceitação – cuidado amoroso.

C – AS NECESSIDADES BÁSICAS DE UM DISCÍPULO EM CRESCIMENTO

Além de certeza de salvação e aceitação, o novo convertido tem quatro necessidades básicas. Precisa de proteção, amizade, alimentação e treinamento.

I. Proteção (através da oração e da Palavra de Deus)

1. Paulo continuava a sentir as dores de parto por seus convertidos, até Cristo ser neles formado (ver Gl 4.19: “Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós...”). Por isso, ele *orava*, suplicando que os crentes de Corinto não se desviassem na vida cristã, praticando o mal: “Estamos orando a Deus para que não façais mal algum,

não para que, simplesmente, pareçamos aprovados, mas para que façais o bem, embora sejamos tidos como reprovados” (2Co 13.7).

2. Assim como bebês precisam de proteção, o mesmo acontece com os novos convertidos a Cristo. Precisam ser protegidos das falsas religiões e dos ataques inimigos que batem constantemente à porta de suas casas. Crentes cheios de vícios são um perigo para os novos. Uma namorada antiga vai querer recomeçar o namoro. Satanás ruge como leão, tentando destruir esse novo crente, por isso ele precisa ser protegido *com a Palavra de Deus*.

II. Amizade (a atitude dos crentes e a obra do Espírito Santo)

1. O novo convertido nasceu numa família e precisa da amizade de seus irmãos em Cristo (dedicar-lhe tempo, visitá-lo, apresentá-lo a outros irmãos da igreja, convidá-lo a visitar o seu lar, ensinar-lhe a Bíblia).

2. A vida cristã pode ser comparada a vários pedaços de chocolate que, quando derretidos, unem-se, virando uma só massa de chocolate. Não um grupo de pessoas num edifício, como bolinhas de gude num saco, mas como torrões de chocolate que são derretidos, virando uma só massa. Isso só é possível através do ministério do Espírito Santo; Ele, lentamente, aquece nossos corações em amor, alegria, paz, paciência, bondade, fidelidade, benignidade, mansidão e domínio próprio (ver Gl 5.22,23).

III. Alimentação

1. Na vida natural, os bebês precisam ser alimentados regularmente; o mesmo acontece com os recém-nascidos espirituais. E seu alimento espiritual é a Palavra de Deus. “Como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação, agora que provaram que o Senhor é bom” (1Pe 2.2,3 – NVI).

2. Pode-se alimentar um novo convertido de duas maneiras. Uma delas é *ensinar-lhe a Palavra* (respondendo perguntas e interpretando textos bíblicos). A outra é *ensinar-lhe como estudar a Palavra* (encontrar respostas, memorizar textos e fazer um devocional diário). Para que um recém-nascido cresça, você precisa ensinar-lhe a Palavra, compartilhá-la com ele, mas também mostrar-lhe como encontrar alimento no celeiro (levar a colher à boca sozinho). Se você não o ensinar a agir assim, ficará dependendo dos outros por toda a vida. Deus quer que ele cresça e se torne um discípulo forte de Jesus Cristo, para depois ajudar os outros em suas necessidades, repetindo com eles o mesmo processo.

IV. Treinamento (sendo exemplo para o novo convertido)

1. “Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos” (1Ts 2.11 – ACF).

2. Quando você treina um recém-convertido, você deve dedicar atenção ao “como” das coisas. As respostas aos porquês vêm depois; o novo crente precisa aprender como fazer isso, como fazer aquilo, como tratar... Paulo disse aos tessalonicenses: “Quanto ao mais, irmãos, já os instruímos acerca de como viver a fim de agradar a Deus e, de fato, assim vocês estão procedendo” (1Ts 4.1 – NVI). Esse novo crente precisa aprender a ter um tempo de oração e leitura da Bíblia, como memorizar a Palavra de Deus, como estudar a Bíblia, como falar de Jesus de forma simples e objetiva. Isso leva tempo, mas é sua a responsabilidade ensiná-lo.

3. Pressupõe-se que você mesmo esteja praticando essas coisas. *O exemplo* é uma das melhores maneiras para ensinar uma pessoa. Paulo disse: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco” (Fp 4.9).

D – QUALIDADES ESSENCIAIS PARA O CRESCIMENTO

Se você vai ajudar no crescimento do novo convertido, deve levá-lo a desenvolver duas qualidades principais em sua vida: um profundo desejo de comunhão com Jesus Cristo e consistência.

I. Comunhão com Cristo

1. O destaque de alguns homens e mulheres na história da igreja tem sido a jornada íntima de cada um deles com Cristo. Séculos antes de Cristo, Jó declarou: “Do mandamento de seus lábios nunca me aparte, escondi no meu íntimo as palavras da sua boca” (Jó 23.12). É preciso edificar esse tipo de atitude no novo convertido; portanto, *ore* para que ele tenha *fome da Palavra de Deus* e dela desfrute o máximo.

2. Comece orando por ele, usando versículos da Bíblia, suplicando a Deus que a verdade dele domine toda a vida do discípulo. Por exemplo:

- a. Segunda: “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia!” (Sl 119.97).
Ore: “Ó Senhor, que o meu querido irmão (fulano de tal) ame a tua Palavra e medite nela todos os dias”.
- b. Terça: “Admiráveis são os teus testemunhos; por isso, a minha alma os observa” (Sl 119.129).
Ore: “Senhor, que ele tenha alta estima e consideração por tua Palavra e a observe totalmente”.
- c. Quarta: “Abro a boca e aspiro, porque anelo os teus mandamentos” (Sl 119.131).
Ore: “Senhor, que ele tenha esse desejo por tua Palavra”.
- d. Quinta: “Puríssima é a tua palavra; por isso, o teu servo a estima” (Sl 119.140).
Ore: “Senhor, que ele aprenda a ter profundo amor por tua Palavra”.
- e. Sexta: “Os meus olhos antecipam-se às vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras” (Sl 119.148).

Ore: “Senhor, que esse teu discípulo medite em tua Palavra antes de se deitar”.
 f. Sábado: “Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos” (Sl 119.162).
 Ore: “Ó Senhor, ajude-o a se alegrar na tua Palavra todos os dias”.

3. Você pode ajudar o novo convertido a desenvolver esse grande desejo por uma comunhão mais intensa com Jesus Cristo de quatro maneiras:

- a. Converse com ele sobre o relacionamento diário que você tem com Jesus Cristo.
- b. Conte-lhe alguns exemplos de bênçãos que você tem recebido nesse tempo de comunhão com o Senhor e conte-lhe sobre as verdades preciosas que Deus lhe tem revelado em sua Palavra.
- c. Leve-o a manter comunhão com outros irmãos que, como ele, estão dedicando tempo para o Senhor. Uma pessoa se sente mais motivada ao participar de um grupo de discipulado.
- d. Ore pela pessoa. Não se pode desprezar a importância da oração intercessória. O apóstolo Paulo escreveu: “Por essa razão, desde o dia em que o ouvimos, não deixamos de orar por vocês e de pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual. E isso para que vocês vivam de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo, frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus” (Cl 1.9,10 – NVI).

4. É mais fácil falar aos homens sobre Deus do que a Deus sobre os homens. Veja o que disse Samuel: “Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito. Tão-somente, pois, temei ao Senhor e servi-o fielmente de todo o vosso coração; pois vede quão grandiosas coisas vos fez” (1Sm 12.23,24).

II. Consistência

1. Esta é a segunda qualidade que um discípulo deve desenvolver. É sinônimo de perseverança. O discípulo precisa sentir a necessidade de uma comunhão diária com Deus na oração e na Palavra.

2. Assim como nosso corpo precisa do alimento natural, o nosso corpo espiritual necessita de alimento espiritual, já que somos participantes da natureza divina: “Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquemos participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo” (2Pe 1.4 – ACF).

3. Consistência e perseverança são frutos da operação do Espírito Santo no homem interior, e não obra humana.

4. Podemos desenvolver essa consistência de três maneiras, levando os discípulos a abrir o coração para a obra do Espírito Santo.
- a. Leve-o a assumir um compromisso de ler apenas um pouquinho da Palavra de Deus, o suficiente para que ele seja abençoado.
 - b. Procurem ter juntos um tempo de meditação e gaste tempo com ele em oração. O aprendizado vem pelo exemplo; assim, ele aprenderá com você e com suas experiências.
 - c. Procure examinar se seu novo discípulo está progredindo. A ênfase, aqui, é animá-lo e encorajá-lo a crescer na vida cristã.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 5

1. Jesus disse: "Fazei discípulos". Após a conversão de alguém, qual deve ser o seu alvo?

2. Quais são as duas necessidades de um recém-convertido?

3. De que forma podemos identificar uma conversão genuína?

4. Quais são as necessidades básicas de um discípulo em crescimento?

5. De que maneira um recém-convertido pode ser protegido?

6. Explique a relação de amizade entre a igreja e o novo convertido.

7. Como bebês, os novos convertidos são os recém-nascidos espirituais e precisam ser alimentados. Qual é o seu alimento? Como alimentá-los?

8. A última necessidade básica do novo convertido é o treinamento. O que esse novo crente precisa aprender?

9. Quais são as qualidades essenciais para o crescimento do novo convertido?



10. Como o discipulador pode ajudar o novo convertido a desenvolver esse grande desejo por uma comunhão mais intensa com Jesus Cristo?

11. Consistência é uma qualidade essencial para o crescimento do discípulo. O que ele precisa sentir?

12. De que maneira essa consistência pode ser desenvolvida na vida do discípulo?



CAPÍTULO

6

ALVOS DE TREINAMENTO DE UM DISCÍPULO

F“Eles pregaram as boas novas naquela cidade e fizeram muitos discípulos. Então voltaram para Listra, Icônio e Antioquia, fortalecendo os discípulos e encorajando-os a permanecer na fé” (At 14.21-22 – NVI).

A – OBTENDO PROGRESSO

I. Eis o tema deste presente estágio. Queremos ajudar os novos convertidos a se tornarem discípulos, crescendo “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo” (2Pe 3.18). Esse progresso não pode ser acompanhado por acaso; deve ter começo e fim. O caminho deve ser planejado e organizado.

II. Quando se ajuda um novo convertido em seu crescimento espiritual, deve-se ter um programa básico de ensino, alvos a serem alcançados antes do passo seguinte. Você o leva passo a passo, desde quando se alimentava apenas de leite espiritual, até que tenha a capacidade de assimilar um churrasco.

III. Esse currículo de treinamento tem como objetivo estimular o progresso no caminho do discipulado; na realidade, são ensinamentos característicos e que, passo a passo, levam o indivíduo a se tornar um discípulo de Cristo.

B – ALVOS DE TREINAMENTO

I. Estes alvos foram escritos visando fornecer-lhe um guia prático de ensino, com o qual você orientará o novo convertido a crescer na vida cristã. Esta lista tem como objetivo levar o novo convertido a firmar-se na fé. O apóstolo Paulo declara: “Ora, como recebestes Cristo Jesus, o



Senhor, assim andai nele, nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças” (Cl 2.6,7).

- | | |
|---|----------------------------------|
| 1. Certeza de salvação | 16. Fé |
| 2. Tempo para o devocional a sós com Deus | 17. Amor |
| 3. Vitória sobre o pecado | 18. A língua |
| 4. Separação do pecado | 19. O uso do tempo |
| 5. Comunhão cristã | 20. A vontade de Deus |
| 6. A Bíblia | 21. Obediência |
| 7. Ouvindo a Palavra | 22. O Espírito Santo |
| 8. Lendo a Palavra | 23. Satanás – nosso inimigo |
| 9. Estudando a Palavra | 24. Tratando com o pecado |
| 10. Memorização de versículos bíblicos | 25. Certeza de perdão |
| 11. Meditando na Palavra | 26. Segunda vinda de Cristo |
| 12. Aplicação da Palavra | 27. Testemunho |
| 13. Oração | 28. Acompanhamento pós-conversão |
| 14. Testemunho pessoal | 29. Contribuições |
| 15. O senhorio de Cristo | 30. Missões mundiais |

C – TESTEMUNHO PESSOAL

I. O testemunho de como fomos alcançados por Deus é a melhor forma de comunicação do evangelho, especialmente quando queremos apresentar a pessoa de Cristo a nossos amigos e parentes, geralmente os que requerem mais coragem de nossa parte. Seguem algumas dicas.

1. Torne-o bem pessoal, não uma pregação. Apenas conte o que Jesus fez por você. Use os pronomes: “eu”, “mim”, “meu”, “minha”.
2. Seja conciso. Três ou quatro minutos são suficientes para apresentar os principais fatos.
3. Deixe que Cristo seja o personagem central, não a sua vida passada.
4. Use a Palavra de Deus. Um ou dois versículos das Escrituras reforçarão o que você tem a dizer.

Lembre-se de que a Palavra de Deus é espada penetrante (Ef 6.17).

II. Procure escrever seu testemunho pessoal do mesmo jeito que você contaria a um amigo. O testemunho de sua conversão deve ser tão claro que a pessoa que o ouve se certificará de que você realmente se converteu.

III. Em breves palavras, conte como você era antes de confiar em Cristo, fale como você se converteu e do novo sentido que sua vida tomou. Fale da bênção de ter os pecados perdoados, da certeza da vida eterna e das transformações sentidas em todas as áreas de sua vida.

IV. Na hora de escrever seu testemunho, *ore a Deus*, pedindo uma oportunidade de testemunhar de seu amor. Ore por duas ou três pessoas, especialmente por aquelas a quem você gostaria de falar de Cristo, seja na vizinhança, na escola ou no trabalho. Na primeira oportunidade, fale de Cristo.

V. O esboço de seu testemunho pode ser assim:

1. Meu testemunho.
2. Antes de conhecer a Cristo.
3. Como me converti a Cristo.
4. Os resultados de minha conversão a Cristo.

VI. Lembre-se: não é você quem vai convencer a pessoa; é o Espírito Santo que convence o pecador de seu pecado (Jo 16.8). Sempre que for orar por aqueles com quem você irá compartilhar da nova vida em Cristo, ore para que Deus se faça presente, honre sua Palavra e convença as pessoas da necessidade de salvação. Ore para que Deus lhe dê força e coragem.

VII. Deus nos conclama a sermos testemunhas do que “vimos e ouvimos” (1Jo 1.3 – NVI). Testemunhar de nossa fé deve ser um estilo de vida – nossa vida é um testemunho constante. Por exemplo, a pessoa notará se você realmente a ama quando lhe fala de Cristo. Nossas ações falam mais alto do que as palavras. Suas ações, entretanto, não são suficientes para dizer tudo o que o evangelho pode fazer a uma pessoa. As palavras também calam fundo no coração – especialmente quando inspiradas pelo Espírito Santo. Uma das maneiras mais eficazes de comunicar o amor de Deus é contando o que Deus fez em sua vida – seu testemunho pessoal.

D – APLICAÇÃO DA PALAVRA

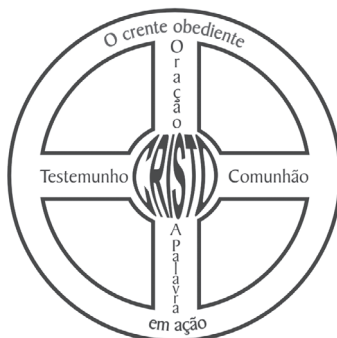
I. O que é aplicar a Palavra? Tomarmos um texto das Escrituras, especialmente o que nos fala ao coração, meditarmos nele, e tomarmos medidas práticas para que ele faça parte integral de nossas vidas. Os quatro passos seguintes o ajudarão a levar isso na prática.

1. O que esta passagem está dizendo ao meu coração?
2. Onde estou errando?
3. Dê exemplos claros.
4. E agora, o que devo fazer?

A Bíblia deve ser praticada. “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16,17).

II. Deus deseja que sua Palavra seja vivida, que se torne sangue e carne na vida de seu povo.

E – A RODA ILUSTRATIVA



I. Os alvos aqui apresentados visam ensinar o discípulo a viver em seu novo estilo de vida

1. Cristo é o centro (2Co 5.17; Gl 2.20)

Assim como a força motriz está no centro, também o poder de se viver a vida cristã vem de Jesus Cristo, o centro. Ele age em sua vida através do Espírito Santo, cujo propósito é glorificar a Cristo.

2. Obediência a Cristo (Rm 12.1; Jo 14.21)

O aro representa o crente respondendo ao senhorio de Cristo de todo o coração, dia após dia, em perfeita obediência.

3. A Palavra (2Tm 3.16; Js 1.8)

O raio fala dos meios pelos quais o poder operante de Cristo age em sua vida. Você mantém contato pessoal com Deus através do raio vertical – Palavra e oração. A Palavra é seu alimento e também a espada para a batalha espiritual. É o raio principal para uma vida cristã eficaz.

4. Oração (Jo 15.7; Fp 4.6,7)

Em contrapartida, o outro raio fala da vida de oração. É na oração que você mantém comunhão com o Pai celestial e recebe provisões para as suas necessidades. Quando você ora, está confessando sua dependência de Deus e confiança nele.

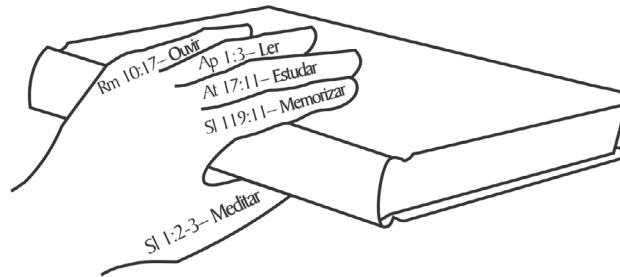
5. Comunhão (Mt 18.20; Hb 10.24,25)

O raio horizontal representa seu relacionamento com as pessoas – comunhão com seus irmãos na fé e com os não-crentes, através de seu testemunho. A comunhão, cujo centro é Cristo, provê mútuo encorajamento, admoestação e estímulo.

6. Testemunho (Mt 4.19; Rm 1.16)

Os primeiros três raios da roda são etapas preparatórias para o testemunho pessoal do que você tem recebido do Senhor. O testemunho é muito importante para o crescimento do discípulo. Ele aprende a ficar desinibido, perde o medo e passa a expor com clareza o evangelho de Cristo, que tem poder para salvar.

F – A ILUSTRAÇÃO DA MÃO



I. Os cinco meios pelos quais um discípulo toma posse da Palavra de Deus são: ouvir, ler, estudar, memorizar e meditar

1. Ouvir (alvo nº 1)

Quando ouvimos a Palavra por intermédio de pastores, mestres e irmãos piedosos, adquirimos uma nova percepção do estudo da Bíblia e somos estimulados a estudá-la.

2. Ler (alvo nº 2)

A leitura da Bíblia provê uma compreensão geral de toda a Palavra. Da leitura diária, vem a ajuda necessária para a vida cotidiana.

3. Estudar (alvo nº 3)

O estudo das Escrituras nos leva à descoberta de novas verdades. Devemos escrevê-las e organizá-las para que possamos depois nos recordar do que estudamos.

4. Memorizar (alvo nº 4)

A memorização capacita-nos a usar a espada do Espírito na luta contra Satanás, ajuda-nos a vencer as tentações e a termos na “ponta da língua” a Palavra, na hora de testemunharmos de Cristo.

5. Meditar (alvo nº 5)

A meditação é o dedão da mão, pois todos os demais dependem dele. Somente pela meditação na Palavra de Deus – quando pensamos em seu sentido e a aplicamos à nossa vida – é que perceberemos o poder transformador que a Palavra de Deus exerce em nós.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 6

1. O que se deve ter quando se ajuda um novo convertido em seu crescimento espiritual?

2. Um dos tópicos do treinamento do novo convertido é ensiná-lo a escrever o seu testemunho pessoal. Descreva as quatro dicas dadas pelo autor.

3. Como deve ser escrito o seu testemunho pessoal?

4. Outro tópico importante no treinamento do novo convertido é o da “Aplicação da Palavra”. O que é aplicar a Palavra?

5. Quais são os quatro passos que ajudarão o discípulo a aplicar a Palavra?

6. A roda ilustrativa visa ensinar o discípulo a viver em seu novo estilo de vida. Visualize uma roda de bicicleta com seu aro externo, o cubo no centro e os raios que prendem o aro externo ao cubo. O que representa o centro? O que representa o aro? O que representa os raios?

7. O desenho da mão com os dedos ilustra os cinco meios pelos quais um discípulo toma posse da Palavra de Deus. Quais são esses meios?

8. Qual é a importância da leitura bíblica (ler)?

9. Qual é a importância do estudo das Escrituras?

10. Qual é a importância da memorização?

11. Qual é a importância da meditação?



CAPÍTULO

7

OS TRABALHADORES SÃO POUCOS

A “Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor. Então disse aos seus discípulos: ‘A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita’” (Mt 9.36,37 – NVI).

A – DISCÍPULOS DE CRISTO

A ordem de Jesus foi fazer discípulos (Mt 28.19), mas não sem antes nos tornarmos discípulos. Daí que, se quisermos cumprir a ordem de Deus, devemos levar os que ganhamos para Cristo a se tornarem discípulos de Cristo. Por isso, você deve ficar ao lado daquele que você levou a Cristo, ajudando-o em seu crescimento espiritual, até que saiba efetivamente realizar a obra do Senhor. Quando isso acontece, esse homem pode ser considerado um discípulo de Jesus amadurecido, comprometido e frutífero.

Você se alegra quando alguém que você levou a Cristo se torna um discípulo de Jesus? Claro que sim. Mas você fica satisfeito? Não, até que ele demonstre verdadeiro interesse em levar mais homens a serem discípulos de Cristo. Quando isso acontecer, ele estará pronto para dar o passo seguinte no reino de Deus. Estará pronto para ser um *obreiro*.

Existem alguns que nunca alcançam esse estágio; são discípulos de Cristo no sentido geral da palavra, estão comprometidos com o Senhor, vivem em comunhão com Ele na Palavra e na oração, manifestam o fruto do Espírito (ver Gl 5.22,23) e estão cooperando no corpo de Cristo. No entanto, tais pessoas não têm o dom ou o chamado para se envolverem na formação de outras vidas – que é o discipulado. Forçá-los nessa direção é um grande erro. Discípulos, sim! Obreiros que se envolvem na formação de discípulos, não! Muitos são os prejuízos quando os discipuladores tentam empurrar a pessoa para além dos limites de seus dons e chamado divino.



B – CARACTERÍSTICAS DO OBREIRO EM POTENCIAL

Os que são chamados a fazer discípulos precisam ser treinados e capacitados nesse ministério para o qual Deus os chamou. São irmãos que têm a *visão da multiplicação* e querem dela fazer parte. São ávidos em servir e em dar a vida em favor de outros, por isso precisam de treinamento para se desenvolverem nessa área.

I. Visão de multiplicação

Se o discipulador não tiver a visão da multiplicação, dificilmente pagará o preço de se envolver com outra pessoa. Quando podemos mirar a face de alguém e ver refletido nela o mundo todo alcançado para Cristo, somos inflamados pelo Espírito de Deus que nos mantém motivados, entusiasmados e vivos. Nas palavras de Paulo está o seu alvo: A ele “anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo. E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente” (Cl 1.28,29 – ACF).

É possível haver multiplicação no reino espiritual, como Paulo expressou a Timóteo: “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2.2 – NVI). Paulo, Timóteo, homens idôneos, outros – a cadeia espiritual da multiplicação.

Tal conceito é ilustrado nas palavras de Paulo aos tessalonicenses: “De fato, vocês se tornaram nossos imitadores e do Senhor [...] Porque, partindo de vocês, propagou-se a mensagem do Senhor na Macedônia e na Acaia. Não somente isso, mas também por toda parte tornou-se conhecida a fé que vocês têm em Deus” (1Ts 1.6,8 – NVI). É demonstrado nas palavras de Jesus em sua oração sacerdotal: “Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles” (Jo 17.20 – NVI). É inerente à grande comissão: “Ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei” (Mt 28.20 – NVI).

A multiplicação espiritual pode ser vista também no Antigo Testamento. Isaías diz da parte do Senhor: “Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável” (Is 58.12).

Ao formar um discípulo, a pessoa se reproduz na vida dele, tornando-se obreiro. Depois de levantar um obreiro, ambos passam a se reproduzir na vida de outros, e assim, sucessivamente, temos a reprodução de discípulos e obreiros.

II. Amando as pessoas

Além da visão da multiplicação, o obreiro potencial tem de amar as pessoas de todo o coração. Deve visualizá-las como indivíduos poderosos nas mãos de Deus. As pessoas não apenas têm um potencial a ser usado por Deus: são preciosas aos olhos de Deus e amadas por Ele. Deus não nos relega a um programa, Ele se envolve pessoalmente conosco. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6). Sua luz brilhou em nossos corações. É questão de seu envolvimento pessoal conosco. Se não houver esse entendimento, o processo de discipulado se tornará um programa frio e mecânico.

Jesus nos deixou exemplo, assumindo a forma humana e identificando-se conosco. “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53.4). Ele se nivelou ao homem, identificando-se com seus problemas e necessidades. Uma prova desse amor foi seu clamor pela cidade de Jerusalém: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mt 23.37). O escritor da carta aos hebreus entendeu a importância disso quando afirmou: “Lembrem-se dos que estão na prisão, como se aprisionados com eles; dos que estão sendo maltratados, como se vocês mesmos estivessem sendo maltratados” (Hb 13.3 – NVI).

Paulo disse aos irmãos de Roma: “Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração. Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade. Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram. Tenham uma mesma atitude uns para com os outros. Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior” (Rm 12.12-16 – NVI).

Amar as pessoas, possuir uma visão da potencialidade do indivíduo e do poder da multiplicação é importante na vida do obreiro de Cristo.

C – O PRINCÍPIO DO ENVOLVIMENTO

O discípulo pode ter a visão, mas, sem o conhecimento, acabará frustrado. É aqui que você trará alegria ao coração dele e uma grande contribuição à causa de Cristo. Você pode *ajudá-lo a formar discípulos*, levando-o a ser parte de seu programa de discipulado e, sob sua esfera de influência, ajudá-lo a alcançar o mundo para Cristo.

O envolvimento é uma estrada de mão dupla. Você quer que ele se envolva na tarefa de fazer discípulos, mas existe um fator oculto: para que ele se envolva com você, primeiramente você terá de se envolver com ele. Segue-se, assim, o modelo de Deus que tomou a iniciativa de habitar entre nós. “Porque visitou e redimiu o seu povo” (Lc 1.68). Tiago trouxe à memória dos irmãos no concílio de Jerusalém a mesma verdade: “Simão nos expôs como Deus, no princípio, voltou-se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o seu nome” (At 15.14 – NVI). E João declarou: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados [...] Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.10,19).

Jesus veio a este mundo e se envolveu com as pessoas, e no meio de tanta gente conviveu com alguns que treinou para serem discípulos. O princípio, então, é este: *onde não há envolvimento não há treinamento*. Para que as necessidades da pessoa que estamos treinando sejam atendidas, temos de conhecê-la e com ela nos envolver.

D – O QUE BUSCAR EM UM OBREIRO EM POTENCIAL

Nesse estágio de seu envolvimento com uma pessoa, o tempo gasto com ela é de vital importância, já que os alvos estão bem específicos diante de você. Você não pode se dar ao luxo de

desperdiçar seu tempo. São apenas vinte e quatro horas no dia, e você tem coisas pessoais a fazer; daí a certeza de que as pessoas com quem você compartilhará sua vida sejam as pessoas certas, prontas, ávidas, que assimilem o que você compartilha e que sejam capazes de transmitir do que aprendem aos demais. Além disso, é preciso ter certeza de que o que está sendo ensinado venha ao encontro de suas necessidades.

Veja como age a mãe de uma família de muitos filhos. Com o orçamento apertado, ela sabe o que deve comprar para casa. No meio de tantos produtos na gôndola do supermercado, ela enxerga aquilo de que precisa e seleciona os produtos que vão para o carrinho. Semelhantemente, quando se constrói uma rodovia, o segredo está no material empregado. O que serve para o Alasca não serve para a Amazônia. A diferença de clima exige que o material empregado seja diferente. *O sucesso está na seleção.*

A seleção, ou o processo seletivo, é a chave do discipulado, princípio claramente usado por Jesus. Muitos discípulos o seguiam. Sabemos que pelo menos setenta deles estavam ao seu lado numa ocasião (Lc 10.1), mas dentre tantos ele escolheu doze. Foram separados para segui-lo e se envolver em seu ministério. “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens” (Mt 4.19 – NVI).

O processo seletivo de Jesus teve dois aspectos: *observação e oração*. Ele não se apressou; antes, observou em várias ocasiões como se saíam trabalhando juntos. Paulo, mais tarde, recomendava: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos” (1Tm 5.22). Escolher as pessoas certas com quem trabalhar e se envolver é um processo seletivo demorado.

O que você procura num indivíduo na hora de começar um grupo de discipulado? Creio que a primeira qualidade vem expressa nas palavras de Isaías 58.10: “Se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia”. *Fome!* Eis a resposta. Esse indivíduo precisa estar faminto e mostrar-se desejoso de fazer discípulos. E essa fome pode ser observada em duas áreas.

I. Fome de envolver-se num treinamento de discipulado

Abrir a alma é dar-se a si mesmo. Você tem de pagar um alto preço quando decide discipular alguém; requer muito comprometimento por parte da pessoa que quer fazer parte do grupo. Se tentar compartilhar sua vida com alguém que ainda não esteja preparado, ele desistirá, assustado. É muita coisa ao mesmo tempo.

II. Fome de Deus

Além do desejo de se envolver num treinamento, observe se a pessoa tem fome de Deus. Deve ser uma pessoa com profundo desejo de oração, alguém que almeje Deus e por ele clame todos os dias, como Davi, que disse: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma” (Sl 42.1). E expressou-se: “A minha alma apega-se a ti; a tua destra me ampara” (Sl 63.8). Fome que o leve a pagar qualquer preço. Ele deve estar ciente do custo e mostrar disposição para pagar por ele. É aqui que a demanda do discipulado o desafia: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23).

Depois de Jesus dizer algumas “coisas duras”, alguns de seus discípulos decidiram abandoná-lo. “Daquela hora em diante, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e deixaram de segui-lo” (Jo 6.66 – NVI).

Jesus disse: “Da mesma forma, qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo” (Lc 14.33 – NVI).

Se o indivíduo que você escolher tiver esse tipo de fome – *de querer envolver-se, fome de Deus, disposição em pagar o preço* – estará pronto para se tornar um trabalhador para o Senhor Jesus Cristo.

E – DO QUE TRATAR NO TREINAMENTO DE UM OBREIRO

No discipulado, quando se trabalha com a pessoa no nível pessoal, quatro coisas precisam receber nossa especial atenção: convicção, meta, excelência e caráter.

I. Convicção

A essa altura o obreiro em treinamento já notou que você tem suas convicções. Descobriu porque você memoriza textos bíblicos, estuda a Bíblia, ora, mas isso não funcionará a menos que ele tenha suas próprias convicções. Adquire-se convicção de duas maneiras: *pelo estudo individual das Escrituras e respondendo aos porquês, às indagações pessoais* (aplicar a Palavra de Deus no dia-a-dia). Outra forma de levar uma pessoa a ter convicção é pedir-lhe que escreva detalhadamente por que quer ingressar no discipulado. Ela deve responder questões como: Que importância tem o tempo a sós com Deus? Por que orar? Por que estudar a Bíblia? Essas questões farão com que a pessoa seja confrontada com a realidade que vai enfrentar. Depois de meditar nessas coisas, ela começará a navegar por si só, sem depender de você. A pessoa se firma no que crê e tem convicção do que quer.

II. Meta

A segunda coisa importante no treinamento é a meta. Logo que vem a Cristo, o novo convertido continua muito egoísta, voltado para si mesmo. No entanto, tão logo comece a crescer na vida cristã, passará a se despertar para a vida e a ver as necessidades dos demais irmãos da igreja. E quando algum missionário prega em sua igreja, seus olhos se abrem para as necessidades mundiais e ele passa a ver o mundo por outra perspectiva. Sua visão aumenta. Antes se preocupava apenas consigo mesmo, agora com os outros, e passa a viver num plano elevado, enxergando o mundo de uma nova perspectiva. Isso não ocorre de uma outra para outra. Entretanto, nesse ponto, o egoísmo cede diante do propósito eterno de Deus. Ele agora vê as necessidades dos outros, vê a vontade divina e a extensão da obra sob a ótica de Deus.

III. Excelência

Um obreiro também deve se esmerar naquilo que faz. Deve ser profícuo no ministério a favor dos outros e fazê-lo bem. O testemunho, o serviço e seu envolvimento devem refletir o teste-

munho do próprio Jesus, de quem Marcos fala: “Tudo ele tem feito esplendidamente bem” (Mc 7.37).

O escritor da carta aos hebreus, orou: “O Deus da paz, que pelo sangue da aliança eterna trouxe de volta dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, os aperfeiçoe em todo o bem para fazerem a vontade dele, e opere em nós o que lhe é agradável, mediante Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém” (Hb 13.20,21 – NVI). Portanto, se quiser desenvolver um espírito de perfeição nas pessoas que você está treinando, deve levá-las a depender de Jesus Cristo, até que a vida de Cristo se expresse através delas.

Um aprendizado e um treinamento que não sejam levados a sério dificilmente produzirão a qualidade necessária para que o obreiro alcance o padrão de excelência visto no ministério de Jesus.

IV. Qualidade de caráter

O último enfoque é a ênfase contínua da vida íntima com Deus e o aperfeiçoamento do caráter cristão. Paulo disse: “Porque o reino de Deus consiste não em palavras, mas em poder” (1Co 4.20). Fé, pureza, honestidade, humildade e outras virtudes não são adquiridas a curto prazo; fazem parte do processo de crescimento espiritual a longo prazo. É o tipo de ênfase que dura a vida toda. Nesse sentido, João se expressou: “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro” (1Jo 3.1-3 – NVI).

Jesus disse que “a seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9.37). Colhemos pessoas aflitas e desamparadas (Mt 9.36). Eis o quadro que retrata um rebanho no fim de suas forças. São pessoas famintas, sedentas, cansadas e desesperançadas. Indefesas, esperam que o pastor as leve às águas e ao pasto. Vivem sem esperança, a menos que se sintam seguras sob o olhar do pastor.

A seara que Paulo descreve são as pessoas distantes de Jesus Cristo – excluídas, estrangeiras, sem Deus e sem esperança (Ef 2.11,12). A seara, no dizer de Paulo, exige muito labor; ele a descreve como pessoas que vivem ao nosso redor. Os campos são imensos e branquejam por toda parte. Jesus disse que os campos já estão maduros, prontos para a colheita (Jo 4.35). Claro que o problema não é a colheita, mas a falta de obreiros.

Agora, um obreiro é um discípulo com algo mais! As Escrituras o descrevem como alguém que trabalha na colheita. Ele semeia e colhe (Jo 4.37,38). Cuida e irriga a planta que nasce (1Co 3.7-9). Ele lança os fundamentos, e outra pessoa sobre ele edifica (1Co 3.10). Vive fazendo discípulos (Mt 28.19,20). Um obreiro se ocupa em ganhar os perdidos e em edificar os convertidos – isto é, *evangeliza e fundamenta*.

Os obreiros cooperam com a grande comissão. Jesus afirmou que aí reside a grande necessidade, por isso devemos envidar todo esforço em levantar obreiros!

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 7

1. No ministério de formação de discípulos, qual é o nome que se dá ao discípulo que demonstra interesse em levar mais homens a serem discípulos de Cristo?

2. Quais são as duas características necessárias ao obreiro em potencial?

3. Por que é necessária a visão de multiplicação?

4. Como é chamada a multiplicação no reino espiritual em 2Timóteo 2.2? Defina cada elo dessa multiplicação.

5. Quando é que o discípulo se torna obreiro?

6. Dentro do princípio do envolvimento, é necessário aproximação e influência para que haja treinamento, porque o princípio é: "Onde não há envolvimento não há treinamento". Por que é necessário o envolvimento?

7. Na formação de obreiro como obter sucesso no treinamento?

8. Quais são os dois aspectos desse processo seletivo?

9. O que você procura num indivíduo na hora de começar um grupo de discipulado?



10. Em que áreas essa fome deve ser observada?

11. No treinamento de um obreiro, quais são as áreas que precisam de uma atenção especial?

12. O que significa excelência?



CAPÍTULO

8

A ARTE DE PREPARAR OBREIROS

D “Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês” (Fp 4.9 – NVI).

A – O OBREIRO EFICAZ

Dois são os meios usados para que um obreiro se torne discipulador e eficaz membro de sua equipe: *exemplo e trabalho pessoal com aqueles que treina.*

B – TRANSMITINDO PELO EXEMPLO

I. A importância do exemplo

Filipenses 2.3,4 (NVI) diz: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros”.

II. Paulo era exemplo de vida para os tessalonicenses

“Porque o nosso evangelho não chegou a vocês somente em palavra, mas também em poder, no Espírito Santo e em plena convicção. Vocês sabem como procedemos entre vocês, em seu favor” (1Ts 1.5 – NVI). Assim também escreveu a Filemom: “Oro para que a comunhão que procede da sua fé seja eficaz no pleno conhecimento de todo o bem que temos em Cristo” (Fm 6 – NVI).

III. O exemplo de Jesus

Imagine o quanto os apóstolos foram confrontados com a segregação racial tão presente em suas vidas, ao observarem Jesus conversando com a mulher samaritana (Jo 4). O quanto aprenderam sobre pessoas que viviam em extrema necessidade, ao virem Jesus ministrar aos pecadores, cegos e leprosos. Devem ter aprendido sobre a importância da fidelidade quando Jesus,



disposto a morrer na cruz pelos pecados dos homens, “partiu resolutamente em direção a Jerusalém” (Lc 9.51 – NVI).

Jesus vivia o que pregava. Os eventos e acontecimentos diários eram sua sala de aula. Ele era a edição atualizada e colorida de cada mensagem pregada. Agora, para viver e transmitir o que você vive de forma efetiva, duas coisas lhe são necessárias: *disponibilidade e transparência.*

1. Disponibilidade

A disponibilidade é uma estrada de duas mãos. Não se pode treinar pessoas que não estejam disponíveis, tampouco levar a termo um programa de treinamento significativo, se você se limitar às formalidades da sala de aula. Jesus se envolvia com seus discípulos, e estes com Jesus.

Se você tem como objetivo compartilhar algumas idéias, teorias ou filosofias com seus obreiros, poderá obter algum sucesso; agora, se quiser compartilhar de forma clara o que você aprendeu de Deus no discipulado e quiser fazer discípulos, nada disso funcionará. *Você tem de estar disponível a todo momento.* Você tem de manter comunhão íntima com o Senhor Jesus, para que sua vida seja um canal de bênçãos no poder do Espírito Santo, vivendo exemplarmente diante daqueles que você está treinando.

2. Transparência

A segunda qualidade é a transparência. A transparência é eficaz na transmissão de vida.

É preciso muita cautela quando se quer ser transparente com as pessoas, já que, quando tiramos nossas máscaras, derrubamos as barreiras e deitamos abaixo os muros, as pessoas nos vêem como somos e ficam desapontadas. Mesmo assim, os discípulos podem aprender tanto de nossos fracassos como de nossos sucessos.

Abrir cedo demais a janela da transparência pode prejudicar o novo obreiro. Jesus sabia disso muito bem, por isso disse: “Tenho ainda muito que lhes dizer, mas vocês não o podem suportar agora” (Jo 16.12 – NVI). Outro registro do início de seu ministério expõe: “Com muitas palavras semelhantes Jesus lhes anunciava a palavra, tanto quanto podiam receber” (Mc 4.33 – NVI).

Abra sua vida apenas àqueles que podem suportar o que vêem. Abra seu coração proporcionalmente à intimidade dos discípulos, como o fez Jesus. Houve ocasiões em que nem os setenta ou os doze participaram de certos eventos da vida de Jesus. “Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz” (Mt 17.1,2 – NVI).

Ele abriu seu coração diante de três dos seus discípulos no Getsêmani. “Então Jesus foi com seus discípulos para um lugar chamado Getsêmani e lhes disse: ‘Sentem-se aqui enquanto vou ali orar’. Levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Disse-lhes então: ‘A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo’” (Mt 26.36-38 – NVI).

No entanto, permanece o fato de que ninguém realmente o conhece, a menos que você abra sua vida com essa pessoa. A princípio, pode-se ser transparente com o novo obreiro, comparti-

lhando o que temos experimentado em nossa comunhão com o Senhor. É bom compartilhar as derrotas e as vitórias, as dificuldades com a memorização de textos e a luta por se manter a disciplina do estudo e da oração. À medida que você se envolver com a vida do discípulo e ele com a sua, você poderá compartilhar de coisas mais profundas, como as tentações, a forma como as enfrenta, e suas batalhas espirituais contra o mundo a carne e o diabo.

É difícil, quase impossível, produzir um trabalho efetivo na vida de um discípulo, a menos que você seja transparente com ele. *Obreiros espiritualmente qualificados são frutos de um ministério transparente.*

C – TREINANDO DE FORMA PESSOAL

A segunda coisa importante no preparo de obreiros é dar atenção a cada pessoa individualmente. Significa encontrar-se com cada um separadamente, deixando bem claro que o objetivo do treinamento é específico para *aquela pessoa*. O ministério da multiplicação *não vem por tentativas de se fazer discípulos em massa*. Deve haver contato pessoal com quem estamos trabalhando e treinando. Se você quer que as demais pessoas sejam disciplinadas individualmente, você e seus obreiros devem ser os primeiros a dar o exemplo.

A disposição de trabalhar com poucas pessoas evita que você dê “tiros” para todo lado. Paulo orientou os obreiros a “olhar para o alvo” e “acabar a carreira” (ver Fp 3.13,14; 2Tm 4.7); da mesma forma como Jesus levou a termo a obra que o Pai o confiou a fazer (Jo 17.4). Você poderia fazer muitas coisas, mas uma única coisa você deve fazer para cumprir com o propósito de Deus: concentrar-se em alguns!

Depois de determinar que esse será o lema de sua vida, você aprenderá a dizer “não” com um sorriso nos lábios. Se Deus lhe deu a visão de um ministério em profundidade, não significa que ele não será amplo. Na realidade, se os obreiros que você treinar forem efetivos na obra, seu ministério se multiplicará mais rápido do que imagina. Portanto, *paciência e perseverança* são virtudes cardeais na vida de um discipulador.

Você deve se disciplinar em termos de treinamento e ver as diversas facetas de seu ministério como *oportunidades de lançar fundamentos sólidos na vida de obreiros com potencial de trabalho*. Com isso, você poderá manter diante de seus olhos suas prioridades e avaliar se o que você faz está de alguma forma contribuindo para a formação de obreiros qualificados. Seu ministério só terá sentido se contribuir para o amadurecimento desses homens.

Qual era o ministério do apóstolo Paulo? Evangelista, missionário, profeta, mestre e apóstolo? Não importa, ele sempre vivia cercado de pessoas-chave. Numa ocasião, estava “sendo acompanhado por Sópatro, filho de Pirro, de Beréia; Aristarco e Secundo, de Tessalônica; Gaio, de Derbe; e Timóteo, além de Tíquico e Trófimo, da província da Ásia” (At 20.4 – NVI). Fazia de seu amplo ministério um meio de se concentrar em poucos.

Escrevendo aos crentes de Corinto, Paulo menciona que era o pai espiritual daquela igreja, e desafiou aqueles irmãos a que o imitassem; para tanto, comunicou-lhes que Timóteo estava sendo enviado a fim de ministrar-lhes a Palavra (1Co 4.15-17). A pergunta é: se Paulo queria que o imitassem, por que enviar-lhes Timóteo? Quando lemos sua exposição de motivos, deparamos com uma verdade: A presença de Timóteo em Corinto seria como se Paulo estivesse

ali. Timóteo era mais do que um “disciplinador”; na realidade, era uma extensão da vida e do ministério de Paulo.

Paulo falou aos Filipenses: “Espero no Senhor Jesus enviar-lhes Timóteo brevemente, para que eu também me sinta animado quando receber notícias de vocês. Não tenho ninguém que, como ele, tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês, pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai. Portanto, é ele quem espero enviar, tão logo me certifique da minha situação” (Fp 2.19-23 – NVI).

Pessoas confiáveis e que pensam da mesma forma não são feitas como carros numa linha de montagem. Os homens que formamos são cuidadosamente treinados em oração, guiados em amor, e seu disciplinador gasta longas horas intercedendo por eles. Numa era em que tudo é instantâneo, precisamos disciplinar-nos e pensar em termos de qualidade. É demorado. Exige esforço, lágrimas e alegrias. Significa sua própria vida. “Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos” (1Jo 3.16 – NVI).

D – TRATANDO DE ALGUNS PROBLEMAS

Quando se trabalha com pessoas de forma tão pessoal, alguns problemas poderão surgir na vida do disciplinador.

I. Atitude possessiva

O disciplinador corre o risco de se tornar um indivíduo possessivo. Geralmente isso pode ser visto quando ele usa termos como “meu obreiro”, “meu discípulo”, “minha equipe”. No Novo Testamento, apesar de Paulo e os demais apóstolos serem íntimos daqueles para os quais ministravam, sempre se referiam a eles como “filhinhos” ou “meus filhos”, lembrando-lhes continuamente de que pertenciam ao Senhor Jesus Cristo. Eram homens e mulheres de Cristo, não seguidores dos apóstolos. Pedro assimilou muito bem a lição de Jesus, que lhe disse: “Cuide das minhas ovelhas” (Jo 21.17 – NVI). Mais tarde, Pedro exortou os presbíteros, dizendo: “Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados” (1Pe 5.2 – NVI). Não o “seu”, mas “o rebanho de Deus”.

II. Ignorando as fraquezas alheias

Costumo alertar para o perigo de se usar “óculos coloridos”. Quando um discípulo se desenvolve e você nota o quanto ele progrediu na obra do Senhor, é fácil ficar cego e não enxergar as fraquezas dele. Você começa a enxergar pelas lentes “coloridas”: “Meu rapaz não erraria!”. Você deixa de ministrar a determinadas áreas da vida dele. Por isso, é bom expô-lo à influência e ao escrutínio do ministério de outros homens, que o ajudarão a avaliar as fraquezas e as qualidades daquele discípulo objetivamente.

III. Reprodução de fraquezas

Jesus apontou para outro problema quando disse: “O discípulo não está acima do seu mestre, mas todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre” (Lc 6.40 – NVI). As pessoas com quem trabalhamos captam nossas forças e nossas fraquezas. Se apenas eu influenciar a vida de um discípulo, ele vai assimilar meus pontos fracos e será prejudicado, mas também, abençoado.

Foi mencionado anteriormente que a solução para esses três problemas reside no treinamento diversificado sob o ministério de outros homens e na avaliação feita por pessoas de fora. Propositadamente, expomos nossos discípulos a outros discipuladores, que podem ampliar seus horizontes e edificar suas vidas. São homens que podem observar alguns pontos fracos que negligenciamos ou deixamos de ver, devido à nossa proximidade com os discípulos. Essa avaliação, feita por homens de outros ministérios ou discipuladores de fora, permite que você veja o progresso de seu discípulo sob outra ótica.

É possível que alguns dos que você esteja treinando recuem, o que é normal, pois ocorreu também com alguns do círculo íntimo de Jesus, como Pedro, Tiago e João. Certa ocasião, Tiago e João demonstraram uma atitude estranha – queriam fazer cair fogo do céu sobre um povoado de Samaria (Lc 9.51-55). Pedro negou ao Senhor três vezes (Lc 22.54-62). No Getsêmani, os três amigos íntimos de Jesus dormiam enquanto seu mestre agonizava (Lc 22.45,46). Mas a confiança que o Senhor depositou neles foi recompensada; Ele não os treinara em vão. Mais tarde saíram a campo cheios do poder do Espírito Santo.

O campo é vasto, mas os trabalhadores – os que sabem fazer a colheita – são poucos. Nesse ministério de formar homens que preparam outros para o ministério, ore para que você seja um exemplo, para que trabalhe com seus discípulos numa base pessoal, corrigindo qualquer problema que surja pelo caminho.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 8

1. Quais são os dois meios usados para que um obreiro se torne discipulador e eficaz membro de sua equipe?

2. O discipulador deve dar o exemplo aos obreiros que ele treina. Ele deve viver o que ele ensina. O que fizeram Paulo, os apóstolos e Cristo?

3. O que é necessário para viver e transmitir o que se vive de forma efetiva?

4. O que fazer para compartilhar de forma clara o que você aprendeu de Deus no discipulado e desejar fazer discípulos?

5. Em que a transparência é eficaz? Por que é necessário ter cautela quando se quer ser transparente com as pessoas?

6. O que significa dar atenção a cada pessoa individualmente?

7. Por que, no discipulado, devemos evitar trabalhar com grandes grupos e ter a disposição de trabalhar com poucas pessoas?

8. Que método foi usado para se formar pessoas (obreiros) confiáveis e que pensem da mesma forma?

9. Ao trabalhar com pessoas de forma pessoal, quais problemas poderão surgir na vida do discipulador?

10. Explique o que significa o discipulador ter atitude possessiva.

11. Por que, nesse ministério de formar homens que preparam outros para o ministério, você deve orar por si mesmo?



CAPÍTULO

9

ALVOS NO TREINAMENTO DO OBREIRO

“E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Ef 4.11,12 – NVI).

A – SOMOS RESPONSÁVEIS PELO DESENVOLVIMENTO DOS OBREIROS

O que os obreiros serão dependerá de nossa capacidade e da maneira como os preparamos para a obra. Somos responsáveis por sua aparência espiritual: dedicação, compromisso, maturidade, visão, habilidade e vida íntima com o Senhor.

Você já viu como o Espírito Santo, através de você e da vida daqueles que você treinou, leva as pessoas à maturidade, compromisso e a um discipulado frutífero. Depois de perceber que a pessoa tem fome de Deus, talentos e chamado para fazer discípulos, você pode dar um passo a mais na busca de novas qualidades na vida dessa pessoa.

Nesse ponto, você deve se concentrar num certo número de fatores que equiparão o discípulo, tornando-o um obreiro ou ceifeiro na seara de Cristo. Os alvos que comentaremos neste capítulo são o processo; o produto ou resultado final será o obreiro, que fará a colheita nos campos do mundo. No final de seu treinamento, essas qualidades deverão fazer parte da vida dele.

B – AMOR PELAS PESSOAS

Você deve levar o discípulo a desenvolver um *profundo amor pelas pessoas*. Como é fácil cair na armadilha de olhar as pessoas como um meio para se alcançar um fim, um meio de levar a efeito uma determinada visão. Isso tem conseqüências mortais, pois o ministério não consiste em *usar as pessoas, e sim em ajudá-las*. Essa atitude reflete o que se passava no coração do apóstolo Paulo quando disse: “Embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos ter sido um peso, fomos bondosos quando estávamos entre vocês, como uma mãe que cuida dos próprios filhos. Sentindo, as



sim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós” (1Ts 2.7,8 – NVI).

C – APEGO À VISÃO DA MULTIPLICAÇÃO

A segunda coisa a ser feita é levar o discípulo a vivenciar a visão da multiplicação e a apegar-se e agarrar-se a ela. As pessoas não são apenas preciosas aos olhos de Deus; elas têm um grande potencial a ser utilizado por Deus. *Deus quer multiplicar nossas vidas e ministérios no discipulado.* Precisamos ajudar o obreiro, com quem trabalhamos, a ver que ele é importante, como indivíduo, aos olhos de Deus e a valorizar o potencial que Deus lhe deu. Ele precisa entender que por intermédio dele sua vida se multiplicará pelo mundo afora.

Este princípio é visto na vida de Paulo. “Quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo e vi que o Senhor me havia aberto uma porta, ainda assim, não tive sossego em meu espírito, porque não encontrei ali meu irmão Tito. Por isso, despedi-me deles e fui para a Macedônia” (2Co 2.12,13 – NVI). Paulo sabia que, se algo acontecesse a Tito, seu ministério sofreria sério revés. Para Paulo, o homem era mais importante que as massas, pois a multiplicação de uma pessoa é a chave para se alcançar as massas. Se Tito continuasse a crescer e a trabalhar, a obra de Cristo progrediria muito mais.

Quando estudamos a Bíblia, descobrimos que Deus sempre se preocupou com o indivíduo. As multidões estarão sempre no coração de Deus, mas parecem ser o pano de fundo do cenário da eternidade. No centro do palco, encontra-se o homem, a quem Deus usa para multiplicação do ministério. Ele sabe que, se puder contar com um Josué, Gideão, Moisés, Davi ou Paulo, as multidões serão alcançadas e instruídas no evangelho.

D – ESPÍRITO DE SERVO

A terceira coisa é levar o discípulo a desenvolver um *espírito de serviço*. Quando ele se torna um obreiro no reino, é importante que demonstre esse atributo de forma clara e inequívoca, afinal, gastará o resto de seus dias na terra dando-se ao próximo. Seus “direitos” desaparecerão à medida que *serve o próximo*.

Essa era a principal característica de Jesus. “Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45 – NVI). Deve ser também a principal qualidade de um discípulo de Cristo. *Deus poderá contar com ele para seu serviço e o serviço ao próximo.* Sua atitude deve ser a mesma vista em João Batista: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30 – NVI). Duas coisas são necessárias para que o discípulo seja um bom servo: *desejo e treino*.

E – TRABALHANDO EM EQUIPE: APRENDENDO A SERVIR

Você deve levar o obreiro a trabalhar em equipe. Deve inteirar-se de que seu desempenho afetará todo o grupo. As pessoas são indivíduos que preferem exercer seus direitos individuais. Um dos maiores problemas enfrentados por um líder é a relutância das pessoas em torno de um

alvo comum. É necessário persistência, oração, amor e carinho para que as pessoas percam seu individualismo e trabalhem em torno do coletivo.

I. Ingredientes de uma equipe de discípulos

Que elementos ajudam uma pessoa a trabalhar em equipe? Quatro são os elementos essenciais na formação de uma equipe.

1. *Estudo bíblico*

Faça com que as pessoas se envolvam num estudo bíblico interessante, no qual todos participem juntamente opinando e sugerindo. Faça com que todas as pessoas do grupo tenham as mesmas oportunidades. Cada membro estuda o mesmo capítulo da Bíblia e prepara seu estudo conforme um plano que lhes é apresentado. Os participantes da equipe devem tomar alguns minutos, antes do estudo, para recitar uns para os outros os textos bíblicos memorizados. Nesse instante, podem compartilhar o que o Espírito Santo lhes revelou durante o estudo, e como aplicaram os textos bíblicos a acontecimentos do dia-a-dia. Assim, começam a se fundir como equipe.

2. *Oração*

Devem aprender a orar juntos. Focalizem o ministério como alvo de suas orações. Orem por aqueles a quem vocês falaram de Cristo e que não tomaram uma decisão de aceitá-lo. Cada membro da equipe deve orar pelas pessoas de sua “lista” de oração, aquelas a quem gostaria de ter uma oportunidade para lhes falar do Evangelho. Orem pelos novos convertidos que começam a trilhar o caminho do discipulado. Orem pelas necessidades do ministério e pelo crescimento de cada membro do grupo. Orem, suplicando que Deus levante obreiros qualificados no meio do próprio grupo para serem levados aos confins da terra.

3. *Testemunho*

Compartilhe sua fé com os demais membros da equipe. Cada pessoa, de forma natural, deverá testemunhar, na sua esfera de influência, entre amigos, parentes e vizinhos. É bom que saiam periodicamente juntos, para evangelizar como grupo, seja numa atividade promovida pela igreja ou pelo discipulador.

4. *Lazer e diversão*

Um preletor confidenciou-nos que a melhor maneira de conhecer alguém é praticar esportes com ele – futebol, vôlei, pingue-pongue, etc. Esportes praticados em equipe revelam o interior de cada indivíduo. E como! Devem também ser envolvidos em trabalhos comunitários da igreja, capinando o pátio, pintando paredes e, juntos, distribuindo alimentos aos pobres, etc. As atividades sociais os ajudam na unidade e os capacitam a viver como equipe.

II. A unidade do grupo

Não há como falar de equipe sem falar de unidade, mas não no sentido de que todos tenham a mesma opinião, e sim identificação no espírito. É importante que seus discípulos estejam com-

prometidos com alvos que lhes fervam o sangue e lhes empolguem o espírito. Envolvê-los em algum empreendimento, especialmente se houver um toque de aventura ou sacrifício, é um ótimo meio de uni-los. Paulo disse que gostaria de ficar sabendo que eles estavam “firmes num só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica” (Fp 1.27 – NVI). Identidade de propósito, caso estejamos totalmente compromissados, produz identidade de espírito. *A presença do Espírito de Deus* é fundamental para que a equipe caminhe com ousadia, esperança e alegria. Requer de cada membro um compromisso irrevogável com Cristo, com sua missão e compromisso entre eles.

Jesus orou por nossa unidade, quando disse: “Para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.21 – NVI). Nossa unidade com Cristo produz unidade com os irmãos, levando-nos a ser o verdadeiro testemunho de Cristo ao mundo.

A palavra “comum” ou a expressão “comum acordo” aparece treze vezes na Bíblia, onze delas no livro de Atos. A palavra amor, tantas vezes mencionada na Bíblia, não aparece no livro de Atos. O motivo é que o registro não é sobre as meditações dos apóstolos, mas de seus atos. O amor que os envolvia permitia que tivessem unidade em espírito a ponto de darem tudo o que tinham – dinheiro, terras, possessões e suas próprias vidas – para que a obra fosse feita. O sacrifício fazia parte de seu viver diário.

Nos Evangelhos, a questão da unidade é apresentada de outra maneira. Jesus disse: “Também lhes digo que se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus” (Mt 18.19 – NVI). Vale a pena destacar o sentido da palavra concordar nessa passagem. Ela vem da mesma raiz da palavra sinfonia. Uma sinfonia musical consiste na harmonia de tons e notas diferentes; quer dizer, cada músico da orquestra toca notas diferentes ao mesmo tempo. Também não quer dizer que ele pode tocar o que quiser; ele segue a partitura musical para seu tipo de instrumento, produzindo tons e volumes diferentes, um som agradável aos ouvidos. O importante da sinfonia é a variedade que produz unidade.

O apóstolo Paulo apresentou um outro conceito de unidade. “Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (Ef 4.15,16 – NVI). Aqui a unidade é apresentada como um corpo cujas partes operam em perfeita harmonia. A idéia é de interdependência, cada membro funcionando ao lado de outro. O olho e o ouvido dão sua parcela de contribuição; as mãos e os pés também. Servimos uns aos outros; precisamos uns dos outros. Ministramos em harmonia uns com os outros (ver 1Coríntios 12–14 sobre essa interação conjunta).

Uma equipe tem condições de ser mais eficaz no ministério do que um homem só. Na unidade e no esforço comum existe poder. O trabalho de equipe libera o poder de Deus. O Senhor se deleita em abençoar um grupo de crentes unidos que cooperem em amor e unidade.

O grupo deve ser visto como uma equipe de futebol, não como atletas que competem individualmente. Os colegas incentivam uns aos outros para que ganhem a partida. No futebol, joga-se em equipe – todos os onze trabalham com um único objetivo: fazer gols (e não levá-los).

Esse quadro retrata a operação da igreja primitiva no livro de Atos, e é dessa maneira que Deus quer fazer com você e sua equipe nos dias de hoje. “Da multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham. Com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus, e grandiosa graça estava sobre todos eles” (At 4.32,33 – NVI).

F – VOLUNTARIEDADE

A quinta qualidade que se espera da vida de um discípulo é a voluntariedade. É difícil operar de acordo com esse modelo numa era que diz: “Nunca se apresente como voluntário para nada”. No entanto, o espírito de voluntariedade é o espírito de Cristo. Jesus não foi para a cruz à força, gritando. Subiu para Jerusalém sabendo o que lhe aguardava. “Estamos subindo para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, que zombarão dele, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. Três dias depois ele ressuscitará” (Mc 10.33,34 – NVI). Ele deu sua vida de livre vontade. “Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai” (Jo 10.17,18 – NVI).

Aqueles que quiserem um treinamento de discipulado têm de desenvolver um espírito voluntário. Pessoas com o coração dividido não são boas obreiras. “Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6.8). Esse é o espírito que todos precisamos ter.

G – EMPREENDEDOR

Quem almeja ensinar as verdades da fé cristã precisa, primeiro, vivê-las. O discipulador é quem dita os passos àquele que está sob sua orientação, portanto, se pretende ensinar, você deve primeiro vivenciar o que ensina. Somente alguém com joelhos de camelo se tornará forte na oração e capacitado a levar outras pessoas ao amadurecimento espiritual.

Só pode ajudar alguém a ter um tempo a sós com Deus aquele que se encontra com Deus de forma regular. Paulo disse: “Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês” (Fp 4.9 – NVI). Ele disse aos crentes de Corinto: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11.1 – NVI).

O líder exemplar não descarta alguém facilmente. Ele é responsável por ajudar os demais a fazerem o melhor que podem. O líder exemplar tem de instruir e guiar, não impressionar. Ele se faz presente todo tempo, ajudando o discípulo a correr, com “perseverança, a corrida que nos é proposta” (Hb 12.1).

H – TESTEMUNHA EFICAZ

Você tem de ajudar o obreiro a se tornar uma testemunha produtora. É comum, ao alcançar esse estágio da vida cristã, cair no laço do “comunismo”, em vez de engajar-se na luta pela

salvação de outras pessoas. Se conseguir manter-se ativo na evangelização, três coisas acontecerão:

- I. A fileira dos novos convertidos aumentará.
- II. Será exemplo aos demais discípulos.
- III. Atrairá para perto dele os que têm espírito de guerra, que gostam de enfrentar batalhas e têm no peito a chama ardente da causa de Cristo.

Caso não se mantenha ativo, começará a negligenciar algumas áreas vitais da vida cristã, pois é fácil se deixar levar por coisas “*importantes*”. As pessoas se ocupam fazendo tantas coisas boas que se esquecem do principal. As últimas palavras de Jesus aos discípulos foram: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8).

I – LÍDER DE ESTUDO BÍBLICO

Como a maior parte do trabalho de discipulado é feito nos pequenos grupos, você deve ajudar seu obreiro a se tornar um bom líder de grupo. É no grupo de estudo bíblico que ele poderá *descobrir os discípulos em potencial*, aqueles com quem gastará tempo individualmente. Esse obreiro deve aprender a preparar seu estudo bíblico, a liderar os irmãos em oração e a estar atento, porque no pequeno grupo reside a fonte de novos discípulos e obreiros.

Duas coisas aconteciam na vida das pessoas quando Jesus lhes ensinava as Escrituras: *a mente se lhes abria, e seus corações ardiam com suas palavras*. “Perguntaram-se um ao outro: ‘Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?’ [...] Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras” (Lc 24.32,45 – NVI).

Sob essa ótica, o obreiro faz seus deveres de casa, ora e se prepara para levar os que se encontram com ele no grupo a uma vida de maior profundidade com Deus. Ele deve compartilhar com o grupo as lições aprendidas e o que Deus lhe ministrou ao coração pelo estudo que estiver apresentando. *Conhecimento apenas não basta. Deve vir encharcado com o óleo e o fogo da unção*. As verdades bíblicas se tornam vivas quando apresentadas no poder do Espírito Santo. O estudo bíblico não deve consistir apenas em fatos, empolgação ou emoções. Deve ser um estudo integral, em que a passagem é apresentada corretamente, sem desvios teológicos, com o temor de Deus em seu coração.

J – SENSIBILIDADE

Outro alvo a ser alcançado é levar seu obreiro a ser sensível às necessidades humanas. A qualidade de sua comunicação é vista no seu jeito de falar, em suas atitudes e ações – o que diz e a forma como o diz, o que faz e a forma como o faz. Ele tem de aprender a dizer o que é certo, do jeito certo, na hora certa; a fazer a coisa certa, da maneira certa, na hora certa.

Essa sensibilidade pode ser vista na vida de Jesus. A forma como se aproximou de Zaqueu (Lc 19.1-10) foi diferente da maneira como se conduziu diante da mulher samaritana (Jo 4.2-42). Com André, sua atitude foi diferente da que teve com Pedro (Jo 1.35-42). A forma como convidou as pessoas a segui-lo difere de ocasião para ocasião (Cp. Mt 11.28-30 com Lc 9.23-26). Cada situação requeria de Jesus um tratamento diferenciado. Suas palavras e suas atitudes variavam de lugar para lugar e de pessoa para pessoa. Ele não tinha um “padrão de aproximação”, tampouco invadia a privacidade das pessoas como um “tanque de guerra”, arrasando tudo pela frente. Bem ao contrário, ele possuía um tato especial com cada pessoa que encontrava, deixando impressa na vida dela seu amor e carinho.

Paulo declarou: “Por isso procuro sempre conservar minha consciência limpa diante de Deus e dos homens” (At 24.16 – NVI). Tiago fala a respeito do mau uso da língua (Tg 3). A forma como Deus, por exemplo, tratou com seu povo na escravidão do Egito. Ele conhecia o sofrimento do povo e ouvia seu clamor, mas manteve-se calado durante vários anos.

Sensibilidade aos sofrimentos dos outros não deve ser confundida com sentimentalismo. A ausência de sentimentalismo na vida de Jesus é que faz com que sua compaixão se torne tão evidente. Certa vez, aproximou-se dele um homem que fora enganado por seu irmão. “Alguém da multidão lhe disse: ‘Mestre, dize a meu irmão que divida a herança comigo’” (Lc 12.13 – NVI). Em sua resposta, Jesus demonstrou genuína compaixão, mas não um sentimentalismo banal. “‘Homem, quem me designou juiz ou árbitro entre vocês?’ [...] ‘Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens’” (Lc 12.14,15 – NVI).

Jesus queria ajudar os dois irmãos acometidos da ambição, esse mal terrível que domina o mundo. Falando a ambos, Jesus procurou tirá-los do lodo em que chafurdavam, do terreno da ambição, para um nível maior. Um tinha o dinheiro; o outro o queria. Jesus tentou colocá-los num nível superior.

As palavras ferem, provocam profundas cicatrizes, mas também têm o poder de curar. Sábio é aquele que aceita a repreensão e que sabe repreender. “Não repreendas o escarnekedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará. Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda; ensina ao justo, e ele crescerá em prudência” (Pv 9.8,9).

Salomão disse: “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” (Pv 25.11), e “o homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!” (Pv 15.23).

K – REFLEXÃO

O último alvo a ser alcançado pelo obreiro em potencial é a capacidade de refletir. A exortação de Paulo a Tito foi: “É isso que você deve ensinar, exortando-os e repreendendo-os com toda a autoridade. Ninguém o despreze” (Tt 2.15 – NVI). O que Paulo queria dizer com a palavra *despreze*? O termo procede de uma raiz grega, de onde vem nossa palavra periferia. O objetivo desse mandado a Tito é para que o jovem não se exponha, nem se deixe levar por conversas fiadas, evitando, assim, que as pessoas o tenham como um inepto, ou alguém que não pára para

pensar. Pensar corretamente é ainda a melhor maneira de angariar o respeito dos que estão ao nosso redor.

Salomão era exímio observador e grande pensador. “Passei pelo campo do preguiçoso e junto à vinha do homem falto de entendimento; eis que tudo estava cheio de espinhos, a sua superfície, coberta de urtigas, e o seu muro de pedra, em ruínas. Tendo-o visto, considerei; vi e recebi a instrução” (Pv 24.30-32). Ele viu e aprendeu!

Aquele que quer tudo de “mão beijada”, que gosta de receber sem nada pagar, por certo perderá as lições que a vida ensina. Portanto, ensine as pessoas de seu grupo a fazer discípulos e a ficar alertas com o que acontece ao redor delas. Leve-as a pensar nas conseqüências de suas ações. “Se eu fizer desse jeito, o que acontecerá? Se aquilo ocorrer, isso que tenho em mente poderá ser feito? Se isso for feito, como resolverei aquilo? Queremos que seja assim? Não? Então, não vamos tomar essa decisão...”

Esses dez alvos de treinamento afetam as atitudes, a vida pessoal, o desenvolvimento e a competência ministerial do obreiro em potencial. É possível que você acrescente ou elimine alguns dos itens. Eles não são colocados aqui como regras rígidas ou maneiras rápidas de sucesso ministerial, e sim como qualidades necessárias para equipar os obreiros – os “ceifeiros” de Deus.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO 9

1. Os alvos no treinamento do discipulado visam torná-lo um obreiro na seara de Cristo. A partir da letra B do capítulo 9, enumere os dez alvos do treinamento.

2. O que o discípulo deve aprender sobre “amor pelas pessoas”?

3. Levar o discípulo a agarrar-se à visão da multiplicação é mostrar o grande potencial que ele tem a ser utilizado por Deus. O que o obreiro com quem trabalhamos precisa ver?

4. O que é ter espírito de servo?

5. Quais são as duas coisas necessárias para que o discípulo seja um bom servo?

6. Uma qualidade necessária ao obreiro é aprender a trabalhar em equipe. Dê os quatro elementos essenciais na formação de uma equipe.

7. Por que o obreiro precisa desenvolver um espírito voluntário?

8. Ser um empreendedor é viver as verdades cristãs e ensiná-las a outras pessoas, conduzindo-as ao amadurecimento espiritual. O que faz o líder exemplar?



9. A sétima qualidade importante na vida do obreiro é ser testemunha eficaz. Para isso é preciso manter-se ativo na evangelização. E quais são os benefícios de manter-se ativo na evangelização?

10. A oitava qualidade importante na vida de um obreiro é se tornar um bom líder de grupo de estudo bíblico. O que esse obreiro deve aprender? Em que deve consistir o seu estudo bíblico?

11. O que representa a sensibilidade na vida de um obreiro?



CAPÍTULO

10

A NECESSIDADE DE LIDERANÇA

F Escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com ele, os enviasse a pregar...” (Mc 3.14 – NVI).

A – TORNANDO UM DISCÍPULO EM UM LÍDER

Para que haja reprodução de discípulos (discípulo que produz discípulo, que produz discípulo), aquele que se tornou discípulo e foi treinado para ser um obreiro tem de dar um passo a mais. Tem de se tornar líder. O último estágio do desenvolvimento dessa pessoa para o ministério é o treinamento de liderança.

Vimos como uma pessoa dá os passos de um convertido a discípulo. Também o vimos tornar-se obreiro – “ceifeiro” de Deus, alguém que sabe fazer discípulos e que já participou de sua equipe de treinamento de discipulado. Um passo mais precisa ser dado. Você precisa avaliar se há um ou dois homens de seu grupo que poderiam ir mais além.

Existem pessoas talentosas, capacitadas e chamadas por Deus para fazer discípulos? Pessoas que façam o que você está fazendo? Então, elas precisam de um tipo de treinamento todo especial. As duas chaves no desenvolvimento de um formador de discípulo são *seleção* e *tempo*, qualidades que queremos examinar.

B – A IMPORTÂNCIA DA SELEÇÃO

Você vem se dedicando a alguém com potencial de liderança, quem sabe, há anos. Você o conheceu quando era ainda novo convertido e o ajudou a crescer, a frutificar e a tornar-se um discípulo comprometido. Você o treinou como obreiro, e o tornou parte de sua equipe de discipuladores. Agora você chega a um ponto crucial da vida dele. Devemos nos perguntar: Deus está dirigindo essa pessoa a dar o próximo passo, tornando-se líder de homens, que também serão capacitados a fazer outros discípulos?

Pelo menos cinco qualidades caracterizam um líder, e você deve observar se elas existem em algum de seus liderados; precisa ver se alguém é um líder em potencial. Todos os cinco



ingredientes devem fazer parte da vida dele. Ele não precisa ser um super-homem ou um santo superespiritual, no entanto, se duas ou três dessas qualidades nele se tornarem evidentes, você deveria começar a orar, buscando de Deus direção se deve ou não investir nele um pouco mais, levando-o a ser líder de líderes. Eis as qualidades necessárias na seleção de discipuladores, ou formadores de líderes de discipulado.

I. Ele é persistente e tem iniciativa própria

Não desiste tão facilmente. Não abandona nem foge diante do primeiro sinal de perseguição, nem pára diante dos obstáculos. “Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus” (At 20.24 – NVI). Ele sabe que enfrentará obstáculos. Está disposto a marchar para o alvo, até alcançar o prêmio da soberana vocação de Deus (Fp 3.14). Saberá lutar a boa batalha da fé. Ele aceita caminhar pela estrada do sofrimento: “Pois a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele” (Fp 1.29 – NVI). Procure esse tipo de qualidade, pois o líder tem de continuar mesmo que os outros desistam!

II. Ele consegue divisar e recrutar os empreendedores

Este item determina o tipo de equipe a ser formada. Ele precisa conhecer a diferença entre um bom homem e um ótimo sujeito. É habilidoso no recrutamento de bons homens. Por que isso é importante? Porque, caso acumule um bando de parasitas ao seu redor, os bons não se aproximarão. Os bons só podem saber do que se trata se se envolverem no grupo. Como saber se ele é um empreendedor? Essa segunda qualidade recém-analisada, pode ser subdividida em oito características essenciais.

1. *Ele é confiável*

Não significa que nunca cometa erros; todos os cometem. No entanto, quando um trabalho lhe é concedido, ele o conclui. “Estando o teu servo ocupado daqui e dali, ele se foi” (1Rs 20.39,40). O guarda não era confiável; a tarefa foi entregue ao homem errado.

2. *Ele encontra uma solução*

Faz da tripa coração com o que tem em mãos, isto é, o melhor que pode! Sangar, valente guerreiro de Israel, usou o que tinha em mãos para libertar seu povo. A batalha contra os filisteus estava renhida, e ele não possuía sequer uma espada. Tomando uma agulhada de bois feriu a seiscentos filisteus (Jz 3.31).

3. *Ele é adaptável*

Falando aos crentes de Corinto, Paulo referiu-se a essa característica: “Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei,

tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns. Faço tudo isso por causa do evangelho, para ser co-participante dele” (1Co 9.19-23 – NVI). O líder deve se especializar no que faz, e o discipulado deve correr como sangue em suas veias. No entanto, precisa ser versátil. Tem de se requebrar como o boxeador no palanque e adaptar-se a todo tipo de situação. Será chamado para falar em todas as denominações e ministrar a todo tipo de pessoas.

4. Ele é um entusiasta

Tem o coração no ministério e se entrega a ele de corpo e alma. Como o salmista, expressa sua atitude diante de Deus: “De todo o coração te busquei; não me deixes fugir aos teus mandamentos” (Sl 119.10). É bom que ele seja um entusiasta. Uma pessoa pode cometer erros, mas, se estiver disposta a fazer o melhor, receberá perdão pelos erros cometidos. Procure o homem ávido, desejoso, não o que demonstra estar “aberto”. Procure o homem disposto a “encarar as coisas”, não o que apenas demonstra interesse.

5. Ele sabe trabalhar

Jesus não chamou os veranistas que se deleitavam ao sol das praias da Galiléia fritando suas comidas. Chamou pescadores que remendavam as redes. Moisés foi chamado por Deus quando pastoreava o rebanho de ovelhas de seu sogro. Davi foi chamado enquanto trabalhava no campo. Eliseu estava atrás de uma junta de bois arando a terra. O trabalho que nos foi comissionado é duro e difícil. Muitas vezes o trabalho requer força e agilidade, como carregar cadeiras e varrer a área. Portanto, busque pessoas realmente dispostas a dar duro. É no trabalho duro que se vê o bom líder.

6. Ele está sempre alerta

O líder dos “ceifeiros” deve estar atento a tudo o que acontece ao seu redor. Se falhar nessa área, seu trabalho de fazer discípulos será prejudicado. A pessoa atenta sabe para onde vai e conhece como chegar lá, no entanto não restringe sua visão a si mesma. Como num jogo de futebol, ela possui uma ampla visão do que está ocorrendo no campo. O caminho para o alvo pode ser estreito, mas sua visão é ampla. Pode-se descobrir se um homem é atento pelo que ele fala. Ele está ciente do que acontece ao seu redor? É alguém aberto à instrução? (Pv 24.30-32). O homem vigilante e alerta pode aprender com o que acontece ao seu redor. Quem não possui essa qualidade é limitado e passa a fazer parte da fileira dos que precisam aprender tudo de novo, passo a passo.

7. Ele tem iniciativa

Iniciativa; eis uma das marcas do empreendedor. Ele está ciente do que precisa ser feito e toma a iniciativa de fazê-lo. Não precisa ser empurrado; ele é um iniciador. Nada indica nas Escritu-

ras que Pedro planejava pregar aquele sermão no dia de Pentecoste. Mas, na primeira oportunidade, ele estava pronto e capacitado no poder do Espírito Santo. Levantou-se, tomou a iniciativa e pregou. Sabemos o que aconteceu depois. Também não há indicativos na Bíblia de que Pedro “planejara” dar ordens ao coxo da Porta Formosa para que se levantasse e andasse (At 3.1-7). Mas estava atento, e em nome de Jesus, o Nazareno, tomou a iniciativa. Sabemos dos resultados. Essa característica é de vital importância para o líder.

8. *Ele é confiante*

Ele precisará conviver com um sem-número de pessoas e deve se sentir em casa com cada uma delas. O rico o chamará para ser assistido e o pobre precisará de sua ajuda. Ricos e pobres segredarão em seus ouvidos suas necessidades. Servir bem a alguns irmãos e fugir de outros não é uma qualidade cristã. Jesus podia enfrentar os líderes religiosos de Jerusalém e ministrá-los da mesma forma que o fazia numa choupana da Galiléia. A gente comum o ouvia alegremente. Ele ministrou a Nicodemos, líder dos judeus. O líder deve ser confiante em tudo o que tem a fazer, sabendo que tudo sairá como planejou! Os apóstolos ministraram às multidões de Jerusalém, mas também estiveram com os ricos sacerdotes. Paulo podia ministrar a um jovem ministro tímido, como Timóteo, e ser amigo de alguns dos governadores na província da Ásia.

Essas oito marcas de um empreendedor poderão ser-lhe útil no momento em que precisar encontrar um líder em potencial. Cada um desses traços ou características não precisa, necessariamente, ocorrer cem por cento na vida de uma pessoa; entretanto, fique atento, pois você poderá vê-las quando ainda incipientes, como plantas que germinam na vida desse homem.

III. Ele é estável

O líder vive sob pressão – e ela vem de todos os lados, de todo tipo de pessoas; pressão positiva e negativa. Tem gente que exige que se tomem iniciativas rápidas; alguns, que não gostam do que se está fazendo, lutarão contra o líder. As pressões comuns da vida sempre virão sobre o obreiro – pressões financeiras, familiares, enfermidades prolongadas, etc. Davi, homem segundo o coração de Deus, também enfrentou problemas. Seus subordinados queriam apedrejá-lo, sua esposa ficou contra ele e seu filho se rebelou, tomando-lhe o reino. Ele enfrentou as pressões e serviu a Deus em sua geração. A estabilidade é uma das qualidades fundamentais na vida do obreiro, e ela existe quando o obreiro crê firmemente na soberania e no controle de Deus sobre os assuntos dos homens. Ele deve crer que Deus está no controle (Sl 115.3); de que todas as coisas, de fato, cooperam para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8.28,29); e que Ele usa os acontecimentos para moldar o seu caráter em nossas vidas. *A confiança é a chave da estabilidade.* Temos de confiar nele como um Deus amoroso e Pai cuidadoso.

IV. Ele tem capacidade organizacional

Ele consegue unir as pessoas em sua equipe. Sabe também que, trabalhando juntos, se forem unidos e organizados, dois podem mais do que um. O mesmo princípio se aplica para três, quatro ou mais homens. Qualquer que seja o projeto, pode ser dividido em unidades funcio-

nais, bastando apenas um pouco de organização. Organização pessoal é algo que pode ser aprendido. Existem seis chaves que poderão ajudar o discípulo a se organizar.

1. Ter uma visão realística de sua própria capacidade.
2. Ter convicção de que o que faz é exatamente o que Deus quer.
3. Ter a capacidade de realizar o que quer, obedecendo à ordem de importância.
4. Ter o bom senso de deixar um tempo vago entre os projetos, prevenindo-se, sabendo que as coisas demoram mais do que planejado, tendo assim flexibilidade para os imprevistos.
5. Colocar o tempo de comunhão com Deus e com a família como prioridades no topo da lista.
6. Aprender a operar dentro de uma certa flexibilidade, cujo centro seja o indivíduo, e não o projeto.

Ninguém será um bom líder, se estiver mais preocupado com os projetos do que com o povo. Existem também seis quesitos básicos na organização de eventos ou projetos:

- a. Defina seu trabalho em termos específicos.
- b. Divida-o em unidades funcionais e realizáveis.
- c. Organize de tal forma, que cada unidade realize sua parte no empreendimento.
- d. Preencha os cargos mais importantes com homens bem treinados.
- e. Conceda-lhes autoridade plena na realização de suas obrigações.
- f. Examine com cada um deles, se estão conseguindo realizar a parte principal do que lhes foi designado fazer.

V. Ele é crítico e criativo

Essas duas qualidades estão colocadas lado a lado, por estarem relacionadas entre si, ainda que algumas pessoas tenham apenas uma delas. A mente crítica é capaz de inovar e apresentar novas idéias, o que faz com frequência. Gente desse tipo tem a capacidade de implementar essas novas idéias em algo sólido e prático. A mente criativa tem de fazer duas coisas: ter o bom senso de descartar as dez novas idéias que lhe fervilham a mente, e ficar apenas com uma, implementando-a imediatamente. Isso o deixa com uma grande sensação de realização! O que se torna interessante é a diversidade de dons que cada pessoa da equipe tem. A variedade de dons e capacitações entra em cena. Comete um sério erro o líder que preenche a equipe com pessoas semelhantes a ele, só porque se sente mais seguro com elas. Procederia corretamente e far-lhe-ia grande bem, se conseguisse colaboradores cujas personalidades, dons e capacitações fossem diferentes dos seus. A equipe tem mais equilíbrio, maior efetividade e flexibilidade. Jesus, por certo, praticou tais princípios.

C – TEMPO – UM ELEMENTO IMPORTANTE

A segunda chave no preparo de um líder de discipulado é o tempo. *Deve haver disposição em gastar tempo com o indivíduo.* O exemplo deixado por Jesus é claro. O de Paulo é igualmente óbvio. Deve-se gastar tempo juntos no ministério, no lar, em casa, nas atividades normais do dia-a-dia, em viagens, no trabalho e no lazer.

Deve-se gastar tempo conversando sobre as doutrinas da Bíblia, princípios, problemas e bênçãos. O tempo gasto em oração e planejamento também é importante. Você terá tempo para compartilhar suas batalhas pessoais, vitórias e derrotas, e ele fará o mesmo com você.

O investimento do tempo, é claro, sai caro. Todavia, se você foi chamado por Deus para multiplicar obreiros pelos campos do mundo, não recuará simplesmente porque o trabalho é duro e custoso. E gastar tempo com outra pessoa requer tudo isso. Lágrimas, desapontamentos, sonhos frustrados, dores de cabeça, que quase o levam a desistir de tudo.

Paulo é um exemplo do líder que gastou tempo treinando homens para a liderança. Timóteo o acompanhou em muitas viagens. “Mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai. Portanto, é ele quem espero enviar, tão logo me certifique da minha situação” (Fp 2.22,23 – NVI).

Devido a essa ligação, Paulo podia dizer: “Mas você tem seguido de perto o meu ensino, a minha conduta, o meu propósito, a minha fé, a minha paciência, o meu amor, a minha perseverança, as perseguições e os sofrimentos que enfrentei, coisas que me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra. Quanta perseguição suportei! Mas, de todas essas coisas o Senhor me livrou!” (2Tm 3.10,11 – NVI).

Paulo também foi desapontado por homens com quem gastara seu precioso tempo e que depois o abandonaram. “Pois Demas, amando este mundo, abandonou-me e foi para Tessalônica” (2Tm 4.10 – NVI).

Jesus é exemplo de alguém que investiu tempo na vida de seus discípulos. “Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar” (Mc 3.14). A maior parte de seu tempo ele gastou com os doze.

O elemento tempo é um dos aspectos importantes do treinamento. Gastá-lo é bíblico. Você poderá ser enganado por alguns homens no decorrer da jornada, mas vemos na vida de Jesus e de Paulo que não há como contornar, apenas esperar. Jesus conhecia muito bem seus discípulos, e a Judas também.

Daí a importância da seleção. Ninguém quer investir tempo treinando e preparando um líder apenas para descobrir que escolheu o homem errado. O tempo é importante, porque dele precisamos para que o trabalho seja bem-feito. Alguns poderão objetar, dizendo: “Não tenho tempo para isso. Deve haver um jeito melhor”. Não há. O método que Jesus usou é o único que testa as pessoas, e somente este poderá ser aplicado com sucesso em nossos dias.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO CAPÍTULO 10

1. Quais são as chaves no desenvolvimento de formadores de líderes de discípulo?

2. Quais são as cinco qualidades necessárias aos formadores de líderes de discipulado?

3. O que significa ser persistente e ter iniciativa própria?

4. Cite as oito características para um bom empreendedor.

5. Descreva as qualidades de um empreendedor entusiasta.

6. Escreva sobre a seguinte característica de um empreendedor: "Ele tem iniciativa".

7. Um formador de líderes de discipulado precisa ser estável. Fale sobre essa qualidade: "Ter estabilidade".

8. O que significa um formador de líderes de discipulado ter capacidade organizacional?

9. A segunda chave no preparo de um líder de discipulado é o tempo. Em que se deve gastar tempo?

10. Por que os aspectos tempo e seleção são de grande importância?



11

CAPÍTULO

COMO TREINAR LÍDERES

E “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2.2 – NVI).

A – ALVOS PARA O TREINAMENTO DE LÍDERES

À medida que você ajuda alguém a ser um líder de um grupo de discipulado, você deve se concentrar em alguns alvos específicos de treinamento: Não diferem tanto do que você vem fazendo ultimamente. Também não se exige mudança radical de direção, pois alguns deles são apenas um prolongamento do que você vem praticando. Não vão levá-lo a novos caminhos nem a novas ênfases, apenas fazem parte do crescimento natural e são, de maneira lógica, o passo seguinte no treinamento do indivíduo.

É necessário que você estude esses nove alvos e determine de quais deles seus discípulos precisam (os homens diferem uns dos outros, e cada um deles precisará de elementos que o outro não precisa). Aumente a lista ou ignore alguns dos itens, no entanto tenha em mente que, de uma forma ou de outra, essas qualidades deveriam caracterizar um líder de grupo de discipulado.

B – DESENVOLVENDO UMA VIDA PROFUNDA COM DEUS

O primeiro alvo apenas dá continuidade a algo que você começou a falar à pessoa quando ela aceitou a Cristo. Você continuou a trabalhar para o crescimento espiritual dela, para o fortalecimento de seu caráter, e para uma vida de maior riqueza do conhecimento de Deus. *A chave é entender e conhecer a Deus.* “Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o Senhor e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor” (Jr 9.23,24).

O apóstolo Paulo clamava por isso em sua vida: “Agora eu renunciei a todas as outras coisas – descobri que este era o único meio de realmente conhecer a Cristo e ter experiência do



imenso poder que O trouxe de volta à vida, e conhecer o que significa sofrer e morrer com Ele” (Fp 3.10 – BV).

Se uma pessoa vai ser usada por Deus como líder de um grupo de obreiros (“ceifeiros”), sua vida deve estar escondida nos lugares secretos da íntima comunhão com Jesus Cristo. Sua fonte de sabedoria, de força e de poder espiritual está somente em Deus.

O rei Uzias ilustra perfeitamente esse ponto. “Propôs-se buscar a Deus nos dias de Zacarias, que era sábio nas visões de Deus; nos dias em que buscou ao Senhor, Deus o fez prosperar” (2Cr 26.5). Começou bem e venceu a guerra contra seus inimigos (2Cr 26.6-8). Tornou-se conhecido e ficou famoso, mas não soube lidar com a fama, que lhe subiu à cabeça. “Mas, havendo-se já fortificado, exaltou-se o seu coração para a sua própria ruína, e cometeu transgressões contra o Senhor” (2Cr 26.16). Ser líder implica profunda comunhão com Deus em seu dia-a-dia.

C – DESCOBRINDO SEUS DONS E CHAMAMENTO

A segunda área à qual você deve dar atenção é ajudar seu líder em potencial a descobrir e a pôr em prática os dons e chamamento de Deus. Seu chamamento determinará o caminho que haverá de trilhar no serviço cristão. Muitos dos homens que você treinou continuarão a servir como leigos, sem jamais assumir um pastorado.

I. Sua vocação

Alguns dos que você treina poderão receber de Deus um chamamento especial para o ministério de tempo integral (na realidade, todos nós trabalhamos em tempo integral; alguns dependem de seus empregos para o sustento diário). O padrão é mais ou menos este: muitos continuarão como leigos; alguns ingressarão no ministério. Entenda o que Paulo disse: “E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Ef 4.11,12 – NVI). Deixe-me enfatizar: os que são chamados para servir ao Senhor como “leigos” têm o mesmo chamamento, a mais nobre vocação, como seus irmãos do clero. Não são cidadãos de segunda classe.

II. Seus dons

Suas orações e ajuda são também necessárias para que o líder em potencial descubra e cresça nos dons de Deus. Estudem juntos e orem a respeito dos dons apresentados em Romanos 12.6-8; 1Coríntios 12.4-11,28-31; e Efésios 4.11,12. Leve-o a descobrir o dom no qual pode operar. Ele poderá ter o dom de evangelista, de mestre, de administração, um ou mais dons de Deus. Uma maneira simples de ser orientado a respeito é fazer-lhe estas perguntas: “Você gosta do que faz?”; “Os irmãos são edificados?”; “A bênção de Deus se faz presente?”. Se ele responder sim às três perguntas, possivelmente esse dom opera na vida dele.

D – FORTALECENDO SEU DISCÍPULO

A maior parte do tempo deve ser gasta na edificação do discípulo, não na correção de suas fraquezas, se bem que é necessário tratar dessa área. E isso pode ser feito com a ajuda de outro discipulador.

Duas das maiores ajudas em um ministério têm sido a troca de avaliação e o treinamento recíproco com outro líder. Procure um colaborador do ministério de discipulado, solicitando-lhe que gaste algumas horas com os homens que você está treinando. Isso deve ser feito periodicamente, pois muitas vezes temos dois defeitos comuns a muitos de nós: olhar para um homem com lentes coloridas ou através de um microscópio.

Se olhar para um discípulo com lentes coloridas, verá só as coisas boas; é preciso da ajuda de outro discipulador para ver o que não está vendo.

Se o problema é ver a pessoa sob a lente de um microscópio, também precisa ser ajudado para ver aquele discípulo sob outro enfoque. O microscópio destaca as falhas, e a avaliação feita por outra pessoa pode melhorar o quadro. Tenha em mente que o ministério positivo faz parte da vida de todo o que edifica com qualidade. Viver a vida toda corrigindo erros não leva a lugar nenhum.

E – TREINANDO-O NA LIDERANÇA

Seu líder em potencial tem de ser treinado. Ele vem servindo com você no ministério, e certamente captou a visão da multiplicação de discípulos, e a essas horas deve ser uma pessoa que demonstra ter capacidade e qualidades. Apesar de haver demonstrado capacidade e habilidade em transmitir os conceitos do discipulado a homens fiéis que podem repetir o processo (2Tm 2.2), ele deve ser treinado, pelo menos, em quatro outras áreas.

I. Atitudes

O ponto mais relevante e crítico diz respeito às atitudes do discípulo/líder. Ele deve fortificar seu coração para não se orgulhar do que faz. Ele deve vigiar suas atitudes em relação aos demais. O líder novo tem a tendência de querer aparecer, de olhar os outros de cima para baixo e, para mostrar quem é quem no grupo, gosta de gritar, de exigir, e em geral gosta de fazer o que nunca faz na presença de Deus (e dos homens). Esse tipo de comportamento demonstra insegurança, e é uma tentativa de encobri-la perante os demais. É óbvio: ele quer mostrar trabalho.

II. Aconselhamento

O líder deve aprender a consultar a equipe, levando os demais a se tornarem participantes dos vários estágios do ministério e responsáveis pelas decisões que foram tomadas em conjunto. Nesse sentido, sentir-se-ão envolvidos e olharão para a obra como seu ministério, e isso é verdade; é o ministério deles que está em evidência. No entanto, se o líder simplesmente diz a seus discípulos/líderes o que eles têm de fazer, sem que esses participem das discussões e decisões, não está sendo sábio. O planejamento será bem melhor se todos participarem dele.

III. Prática

Uma das melhores maneiras de treinar alguém na liderança é levá-lo a pôr em prática, sob estrita supervisão, aquilo que aprendeu. Ele se sentirá mais confiante e poderá ver por si mesmo em que áreas é forte ou fraco. Juntamente com ele, trace um plano de correção de suas fraquezas e fortalecimento de suas habilidades. Ele se verá no papel do líder, aprenderá a se relacionar com seus colegas e com os que estão sob sua liderança. Se puder colocar em prática tudo o que aprendeu, assimilará lições que de outra forma nunca experimentaria. Aprenderá como:

1. Administrar-se.
2. Administrar seu tempo.
3. Administrar o ministério.
4. Avaliar seus obreiros.
5. Administrar as finanças.
6. Abrir seu lar para o ministério, sem prejudicar sua família.
7. Relacionar-se com outros ministérios cristãos.

IV. Sugestões

A fim de ajudar a pessoa que você está treinando para a liderança do discipulado, quero apresentar algumas sugestões para a criação de um ambiente propício, no qual ela aprenderá a exercer a liderança. São experiências pessoais, aprendidas a duras penas.

1. Ele precisa saber que você confia nele, que o ama e louva a Deus por sua vida.
2. Mostre-lhe que você está sempre à disposição dele.
3. Deixe-o à vontade para conversar tudo o que tiver em mente.
4. Leve-o a sentir-se útil para o ministério.
5. Compartilhe com ele suas vitórias e fracassos.
6. Apresente-lhe um padrão de alta performance, do contrário sua aprovação terá pouco ou nenhum sentido para ele.
7. Mantenha-se informado sobre o ministério dele. É horrível quando um discípulo diz de seu líder: “Ele nem sabe o que acontece comigo”.
8. Mantenha-o sob pressão. Certifique-se de que ele está envolvido em algo que vai além do que ele pode fazer. Você precisa conhecê-lo de verdade. Se exigir dele demais, ficará frustrado e desanimado. Se nada exigir, não se sentirá desafiado, e apenas vai dormir com os “louros alcançados”.
9. Caso ele precise de ajuda, aconselhe-o. Deixe-o ciente de que você está ali para ajudá-lo. Não é questão de “nade ou se afogue”.
10. Caso necessite de auto-afirmação, crie uma situação e pergunte-lhe: “O que você faria nesse caso?”. Ele aprenderá que tem capacidade de decidir e que poderá assumir responsabilidades maiores.
11. Revise seu progresso. Seja sincero e generoso quando tiver de elogiá-lo, e amoroso e gentil na hora de corrigi-lo. Muito da liderança tem a ver com o envolvimento com aqueles que

estamos treinando. Treinar é sobrecarregar-se de trabalho, é ocupar-se duas vezes, mas é necessário.

F – DANDO PASSOS QUE AUMENTAM A FÉ DO DISCÍPULO

Ajude o líder em potencial a dar passos de fé. Forneça-lhe projetos que o levarão a depender do Senhor. Jesus procedeu dessa maneira com seus discípulos. No Mar da Galiléia, sob intensa tormenta, com os barcos indo a pique, a fé dos apóstolos falhou, e eles gritaram: “Mestre, Mestre, vamos morrer!” (Lc 8.24 – NVI). Depois que Jesus acalmou a tempestade, perguntou-lhes: “Onde está a sua fé?” (Lc 8.25 – NVI). A sala de aula era um barco; o currículo, a tormenta; a lição, a fé. Em todas as etapas foram socorridos e fortalecidos.

Uma das formas de ajudar um homem a superar-se é levá-lo a ser responsável por algum trabalho. Jesus fez isso. “Chamando os Doze para junto de si, enviou-os de dois em dois e deu-lhes autoridade sobre os espíritos imundos” (Mc 6.7 – NVI). Os discípulos o seguiam e com Ele aprendiam. Quando você se envolver com seus discípulos, notará que, de tempo em tempo, eles atingem um platô. Esse é o momento de empurrá-los a fazer algo que lhes aumente a fé.

G – APERFEIÇOANDO AS QUALIDADES ESPIRITUAIS DO DISCÍPULO

“Os apóstolos reuniram-se a Jesus e lhe relataram tudo o que tinham feito e ensinado” (Mc 6.30 – NVI). Não teria sido interessante ouvir o relatório daqueles homens e o que Jesus lhes ensinara?

Os homens que você treina precisam compartilhar e avaliar o que fizeram, e você deve lhes dar essa oportunidade. Devem conversar com você sobre os princípios de como manter um grupo de discípulos ativos, fazer parte do planejamento das atividades e em como organizar uma equipe ministerial. Devem também rever os princípios de liderança, aprendendo a avaliar o progresso do ministério e a eficácia de toda a equipe.

Separe tempo para ouvir seu discípulo; ele precisa saber que você é “todo ouvidos”. Sua função é levar o líder em potencial a realizar-se no ministério.

H – APRENDENDO A DISCERNIR

Todo jovem líder deve aprender a discernir, pois logo que começar seu próprio ministério muita gente aparecerá tomando seu tempo. Salomão disse: “O simples dá crédito a toda palavra, mas o prudente atenta para os seus passos” (Pv 14.15). O líder deverá aprender a separar a árvore boa da má, o bem do mal, o que realmente é importante do que o que tem aparência de urgência.

Através da oração, do conselho de pessoas mais experientes, da Palavra de Deus e da clareza da visão, o Espírito Santo o guiará passo a passo no que é produtivo e útil. A fim de merecer o “muito bem” de Jesus, precisará de discernimento, evitando a tirania da urgência em favor de um ministério sólido.

Moisés, homem de Deus, orou: “Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta; neste caso, o melhor deles é cansado e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos [...] Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio [...] Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; confirma sobre nós as obras das nossas mãos, sim, confirma a obra das nossas mãos” (Sl 90.10,12,17).

I – APRENDENDO A ARTE DA COMUNICAÇÃO

O líder precisa aprender a comunicar-se de maneira simples e objetiva. Os novos pregadores costumam complicar o que querem dizer, sem conseguir transmitir o que pensam e o que querem aos seus ouvintes. O que poderia ser dito em poucos minutos leva meia hora.

A Bíblia diz que Jesus falava com autoridade. “Todos ficavam maravilhados com o seu ensino, porque falava com autoridade” (Lc 4.32 – NVI). Alguns pensam que a autoridade está em falar alto, gritar, bater no púlpito ou sapatear no tablado. Sabemos que a palavra de Jesus tinha autoridade, porque quando ele falava as coisas aconteciam. Aqui reside o poder – mudanças, novos direcionamentos nas vidas das pessoas, vidas purificadas, famílias reunidas, vícios abandonados, entrega total e uma fome por um maior conhecimento de Jesus Cristo, pela Palavra, e desejo intenso de orar a sós.

Dois dos Evangelhos permitem-nos ver a razão de tanto poder nas palavras de Jesus: “Todos falavam bem dele, e estavam admirados com as palavras de graça que saíam de seus lábios” (Lc 4.22 – NVI). Falava de tal maneira que conquistava seus ouvintes. Às vezes era ríspido, e suas palavras eram como espada cortante. No entanto, havia graça em seus lábios que a todos causava admiração.

A segunda declaração é feita por Marcos. “Todos ficavam maravilhados com o seu ensino, porque lhes ensinava como alguém que tem autoridade e não como os mestres da lei” (Mc 1.22 – NVI). Falava com autoridade. Quando um líder apresenta as verdades, usa a Palavra de Deus como sua fonte de autoridade e fala sob a unção do Espírito Santo, sua mensagem será de poder.

J – ELE PRECISA DE UMA BOA FUNDAMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA

Quem treina discípulos para o ministério precisa de boa fundamentação doutrinária. Muitos se deixam levar por várias doutrinas. Alguns vivem uma coisa e acreditam noutra. Para eles, doutrina bíblica e viver diário são opostos entre si. A experiência que adquiri treinando obreiros mostra como é importante fundamentar doutrinariamente o obreiro. O diabo, astuto como é, vive à espreita, procurando desviar o obreiro dos caminhos do Senhor. Sempre que conver-

sar sobre os grandes temas doutrinários com seus discípulos, procure observar em que áreas são mais fracos, e fundamente-os nelas.

O apóstolo Paulo falou da necessidade de conhecer as Escrituras. “O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro” (Ef 4.14 – NVI).

Edificado sob a ótica dessas nove qualidades, o líder do discipulado deveria estar apto a andar com os próprios pés. No entanto, não pense que a tarefa terminou. Apesar de haver sido treinado nas principais áreas da vida cristã e de ter recebido orientação ministerial, ele continuará precisando de suas orações e do seu aconselhamento.

TESTE PARA AUTO-AVALIAÇÃO

CAPÍTULO II

1. Após selecionar os formadores de líderes de discipulado e dedicar tempo a eles, você deve dar continuidade ao treinamento através de nove alvos. Quais são eles?

2. Explique o primeiro alvo de treinamento: “Desenvolvendo uma vida profunda com Deus”.

3. Dentro do tópico “Fortalecendo o seu discípulo”, o que significa olhar para o discípulo com lentes coloridas?

4. E o que significa olhá-lo através das lentes de um microscópio?

5. No tópico “Treinando-o na liderança”, o seu líder em potencial deve ser treinado em quatro áreas. Quais são elas?

6. Fale sobre a área do aconselhamento.

7. Descreva o alvo “Dando passos que aumentam a fé do discípulo”.

8. No tópico “Aperfeiçoando as qualidades espirituais do discípulo”, fale sobre a importância de dar atenção ao que ele está fazendo.

9. Dentro do tópico "Aprendendo a discernir", o jovem líder aprende a discernir através de quê?

10. Fale sobre a necessidade de o líder aprender a arte da comunicação.



CONCLUSÃO

T“Todo crente em Jesus Cristo merece uma oportunidade de se alimentar para poder crescer” (LeRoy Eims).

Nem sempre o membro da igreja tem essa oportunidade. Os novos convertidos são ignorados, e não dispomos de espaço para eles em nossa intensa programação, nos cultos e nos grupos de comunhão. Por outro lado, não preparamos obreiros e líderes que poderiam discipular os novos crentes, levando-os a serem frutíferos e maduros no reino de Deus.

“O verdadeiro crescimento vem através de lágrimas, amor e paciência.”

Não existe maturidade instantânea. Esperamos que, através deste estudo, você possa ter entendido o processo do discipulado e a importância de colocá-lo em prática em sua vida e, principalmente, na vida de sua igreja.



BIBLIOGRAFIA

1. CAIRNS, Earle E.. *O Cristianismo Através dos Séculos*, São Paulo: Editora Vida Nova, 2ª ed., 1988.
2. WALKER, W.. *História da Igreja Cristã*, Rio de Janeiro: Juerp/Aste, 3ª ed., vol I e II, 1981.
3. BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*, São Paulo: Aste, 1967.
4. DAVIS, John D.. *Dicionário da Bíblia*, Rio de Janeiro: Juerp, 1987.
5. WALKER, John. *Igreja e Cultura*. São Paulo: Worship Produções.
6. WALKER, John. *A Igreja do Século XX*, Belo Horizonte: Editora Atos, 2002.
7. EIMS, LeRoy. *A Arte Perdida de Fazer Discípulos*, Belo Horizonte: Editora Atos, 2002.
8. MOORE, Waylon B.. *Multiplicando Discípulos, o Método Neotestamentário para o Crescimento da Igreja*, Rio de Janeiro: Juerp, 1995.
9. WILLIS JR., Avery T.. *Treinamento em Discipulado*, Rio de Janeiro: Juerp, 1994.